

MESTRADO EM MUSEOLOGIA

Alexis Passechnikoff e a sua Coleção de
Chumbadas no Museu do Mar de Vila do
Conde
Serenela Patrícia Ribeiro Carvalho

M

2017



Serenela Patrícia Ribeiro Carvalho

**Alexis Passechnikoff e a sua Coleção de Chumbadas no Museu do
Mar de Vila do Conde**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Museologia, orientada pela Professora Doutora

Alice Duarte

coorientada pela Doutora Ivone Pereira

Orientadora de Estágio, Dra Alice Duarte

Supervisora de Estágio Dra Ivone Pereira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Junho de 2017

Alexis Passechnikoff e a sua Coleção de Chumbadas no Museu do Mar de Vila do Conde

Serenela Patrícia Ribeiro Carvalho

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Museologia, orientada pela Professora Doutora

Alice Duarte

coorientada pela Doutora Ivone Pereira

Orientadora de Estágio, Professora Doutora Alice Duarte

Supervisora de Estágio, Dra Ivone Pereira

Membros do Júri

Professora Doutora Paula Menino Homem
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Alice Duarte
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor António Ponte
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 17 valores

Dedico este trabalho aos meus pais, que me permitiram chegar onde estou, e à minha irmã que vê o máximo no mínimo que faço.

Sumário

Agradecimentos.....	viii
Resumo.....	ix
Abstract	x
Índice de ilustrações.....	xi
Lista de abreviaturas e siglas.....	xii
Introdução	1
Capítulo 1 – Cultura Material e Coleções de Museu.....	5
1.1. Coleções	8
1.2. Modelos de Estudo de Coleções.....	10
Capítulo 2 – A coleção em estudo e o estudo da coleção.....	14
2.1. Modelo de estudo.....	15
2.2. Conversas com Especialistas.....	20
2.3. Informatização da Documentação.....	23
2.4. Alexis Passechnikoff.....	26
2.5. Conservação Preventiva.....	31
Capítulo 3 - Estágio no Museu de Vila do Conde.....	35
3.1. Museu do Mar de Vila do Conde.....	36
3.1.1. O fundador: António Ferreira Vila Cova.....	39
3.1.2. As coleções.....	41
3.2. Outras atividades desenvolvida durante o Estágio no MVC.....	43
3.2.1. Montagem e Desmontagem de Exposições.....	44
3.2.2. Serviços Educativos.....	45
Comentário Final.....	48
Referências Bibliográficas.....	51
Apêndices.....	53
Apêndice A.....	53
Apêndice B.....	54
Apêndice C.....	67
Apêndice D.....	111
Apêndice E.....	137

Anexos.....	138
Anexo 1.....	139
Anexo 2.....	140

Agradecimentos

Este trabalho não seria possível sem a ajuda de várias pessoas disponíveis para colaborar em nome de um bem maior.

Agradeço à minha orientadora, a Professora Doutora Alice Duarte, por me ter orientado neste percurso conturbado, sempre com uma palavra de conforto nos momentos menos bons. Acreditou, desde o início, no meu trabalho e incentivou-me ao longo destes dois anos.

Agradeço à Dr^a. Ivone Pereira, por me ter recebido de braços abertos no Museu de Vila do Conde e pela confiança que depositou em mim nos trabalhos lá desenvolvidos. É uma das pessoas mais cativantes que conheci na área da Museologia.

A Alexis Passechnikoff, pois sem ele e sem a sua paixão pelos objetos, este trabalho não seria possível. Agradeço a sua paciência ao longo de todas as minhas questões intermináveis.

Um agradecimento a toda a equipa do Museu de Vila do Conde e do Gabinete de Arqueologia, por todo o apoio dado sempre que precisei.

Aos pescadores com quem falei, um agradecimento por serem quem são. Pessoas humildes e sempre com um sorriso no rosto, mesmo quando contam histórias de tempos difíceis.

Agradeço também ao Dr. Miguel Carneiro que se disponibilizou para vir a Vila do Conde ver a coleção e pelas ferramentas de trabalho que me forneceu. Ao Presidente da Associação Bind'o Peixe por se ter, também, disponibilizado a falar comigo e a partilhar os seus conhecimentos.

À família de António Ferreira Vila Cova, que acedeu ao meu pedido para melhor conhecer este senhor.

A todas as instituições museológicas que me aconselharam bibliografia e me ajudaram de alguma forma.

Não podia deixar de agradecer também, às minhas amigas e colegas, Marta e Teresa, por estarem ao meu lado nesta fase. São as minhas companheiras de viagem.

Resumo

No âmbito do Mestrado em Museologia, realizei um Estágio curricular no Museu de Vila do Conde, onde me foi proposto, como tarefa principal, o estudo de uma coleção de chumbadas pertencente ao espólio do Museu do Mar, ali em depósito. Tendo em mente vários modelos de estudo de coleções, nomeadamente os de Fleming (1974), Batchelor (1994), Pearce (1994) e Prown (1994), procurei neles encontrar o apoio necessário para levar avante a tarefa que me tinha sido proposta: o estudo de uma coleção de chumbadas, reunida pelo colecionador Alexis Passechnikoff e doada a António Ferreira Vila Cova, em 1990. Dos modelos de estudo em questão, procurei reter as particularidades de cada um que pudessem trazer benefícios à minha pesquisa. Acabei por pôr em ação um modelo de síntese, com o qual procuro responder a um conjunto de questões a que julguei ser pertinente atender: a descrição dos objetos (características observáveis, dimensões e materiais) e subsequente contextualização e interpretação (proveniência, utilidade, história e significado). Tendo como ponto de partida uma coleção de 390 chumbadas, recolhidas ao longo de toda a costa portuguesa entre os anos de 1970 e 1990, o seu estudo revelou-se um desafio que me fez percorrer um longo caminho. Para além de mostrar o modelo de estudo aplicado, é objetivo do presente Relatório revelar as conclusões que fui obtendo em cada fase desse processo de estudo da coleção e sistematizar as diversas tarefas executadas no âmbito do Estágio.

Palavras-chave: estudo de coleções; chumbadas; Museu do Mar de Vila do Conde; Alexis Passechnikoff

Abstract

In the range of Masters in Museology, I carried out a internship at Vila do Conde Museum in which was proposed as main task the study of a collection of lead sinkers, property of Museu do Mar.

Taking in consideration several studies of collections, namely, examples of Fleming (1974), Batchelor (1994), Pearce (1994) and Prown (1994), my porpuse was to find some guidance to accomplish the proposed task: the analysis of a collection of lead sinkers, gathered by the collector Alexis Passechnikoff and lately donated to António Ferreira Vila Cova in 1990. Concerning the models of study, I tried to retain particularities of each piece of work in order to improve my research. I choose to put at practise a system of synthesis hoping to solve a few question I thought pertinent, such as: the description of the object (observable characteristics, dimensions and materials), contextualization and interpretation (source, purpose, history and meaning). This presentation's goal is to clarify and emphasise the model of research I have applied for this collection's study, in particular. To begin with, I was given access to a collection of 390 pieces of lead sinkers, gathered alongside the whole portuguese coast between the years of 1970 to 1990. Its study revealed itself a quest that made me go through a long way. Besides showing the role model of study applied, it is also my goal to reveal, throughout this report, all the outcomes and resultant conclusions that I was able to obtain in each stage of the researching process and systematize the various tasks performed within the scope of the Internship.

Keywords: Museu do Mar, study of collections, lead sinkers, Alexis Passechnikoff

Índice de ilustrações

Figura 1 – Esquema do modelo de estudo da coleção de chumbadas.....	16
Figura 2 – Cronologia do percurso de constituição da coleção.....	18
Figura 3 – MVC-05810-MM (antes da limpeza).....	19
Figura 4 – MVC-05810-MM (depois da limpeza).....	19
Figura 5 – In arte.....	24
Figura 6 – Desenho MVC-05493-MM.....	25
Figura 7 – Alexis Passechnikoff.....	31
Figura 8 – Foto de uma placa.....	33
Figura 9 – Ficha de conservação no In Arte.....	34
Figura 10 – Preparativos para o lançamento da 1ª pedra do Museu do Mar, vendo-se envolvidos o Eng.º Mário Almeida, Padre Domingos, Ministro do Mar, e António Vila Cova.....	37
Figura 11 – António Ferreira Vila Cova.....	39
Figura 12 - Folheto do antigo Museu do Mar.....	43
Figura 13 – Diagrama com as atividades desenvolvidas em estágio.....	44
Figura 14 – Enfeites de Natal.....	46
Figura 15 – Anjos de Natal.....	46

Lista de abreviaturas e siglas

CNANS – Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática

IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera

FOR-MAR – Centro de Formação Profissional das Pescas e do Mar

NAPESMAT - Núcleo de Amigos dos Pescadores de Matosinhos

Introdução

O presente Relatório de Estágio é realizado no âmbito do Mestrado em Museologia pelo Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a orientação da Professora Doutora Alice Duarte e sob a coorientação da Dr.^a Ivone Pereira.

Memória, identidade e cultura apresentam-se como conceitos chave na nossa sociedade. O museu é definido pelo ICOM como uma instituição permanente que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe as evidências materiais dos seres humanos. Trata-se de uma instituição que produz conhecimento, comunica, produz/guarda memórias, constrói valores e identidades. O museu tem como missão fornecer às populações referentes informações sobre a sua herança cultural e assegurar a sua identidade face a um mundo que está em constante mudança. Desde o seu início que os museus são construtores de identidade. A sociedade poderia utilizar o museu como meio fundamental para aprender e reconhecer a sua história e tradições. A musealização dos objetos produzidos e utilizados pelo ser humano contribui para a produção de uma identidade cultural, sendo que cada vez mais se está ciente da dimensão social destes objetos.

Inicialmente sobretudo centrados na cultura material, os museus passam a ser vistos como um instrumento social em consequência do movimento da Nova Museologia. Afinal, o museu vive da sociedade e na sociedade. A sua função social assumiu um papel de relevância ao lado de outras funções como a conservação e a gestão. Ainda que com uma nova dimensão, as coleções continuam a ser parte fulcral do museu. Susan Pearce (1994) chega mesmo a dizer que as coleções são o coração do museu. Coleccionar é uma constante no nosso mundo: colecionava-se nos tempos antigos e coleciona-se nos dias de hoje. As pessoas colecionam e os museus também.

Esta atividade, vista por uns como uma ânsia consumista (Belk, 1995) e por outros como uma forma de nos entendermos a nós próprios (Pearce, 1994), permite levar a cabo estudos de grande interesse, que vão para além do objeto e do visível para ir ao encontro de valores sociais e culturais. O presente Relatório pretende contribuir para esses estudos, tendo sido elaborado a partir de um modelo de estudo de coleções pensado em concreto

para a coleção de chumbadas de Alexis Passechnikoff e para integrar as tendências atuais dos estudos de cultura material.

No geral, foram delineados três objetivos para este Estágio:

- Contribuir para o enriquecimento da informação detida pelo Museu de Vila do Conde;
- Estudar a coleção de chumbadas e o respetivo colecionador;
- Adquirir conhecimentos práticos sobre as várias dimensões de ação da instituição museológica;

O Estágio curricular constitui uma das três opções existentes para concluir o grau de Mestre e foi esta a minha escolha por considerar que desta forma podia aplicar na prática os conhecimentos antes aprendidos na teoria e também por considerar que dessa forma tinha mais possibilidades de me preparar para a inserção no mundo do trabalho, o chamado “mundo real”.

A instituição museológica de acolhimento escolhida foi o Museu de Vila do Conde, por já lá ter realizado trabalho durante o primeiro ano do Mestrado. Nesse primeiro ano surgiu, na unidade curricular de Estudos e Gestão de Coleções, o desafio de estudar uma coleção com o tema marítimo. Na altura, procedi a este estudo no Museu de Vila do Conde, estudando quatro artes de pesca pertencentes ao antigo Museu do Mar de Vila do Conde¹.

O tema deste Relatório é sobretudo o estudo de uma coleção de chumbadas que foi doada ao Museu do Mar de Vila do Conde, em 1990, por Alexis Passechnikoff. O estudo da coleção foi o foco deste trabalho final, uma vez que para além de ser um gosto pessoal, é uma lacuna no espólio do Museu do Mar, do qual poucas coleções se encontram estudadas. A coleção alvo de estudo foi escolhida pela instituição de acolhimento, tendo em conta que um Estágio tanto deve beneficiar o estudante como a instituição que o acolhe. Para além disso, está também presente no Relatório uma descrição das atividades desenvolvidas no decorrer do Estágio. Para proceder a essa análise recorri à elaboração de um modelo de estudo que conseguisse dar resposta às questões que estabeleci

¹ O Museu do Mar de Vila do Conde foi encerrado no ano de 1998, pelo que o seu espólio se encontra em depósito na reserva do Museu de Vila do Conde.

inicialmente. Este modelo inclui uma pesquisa bibliográfica e no terreno com o objetivo de abordar a temática das chumbadas, uma pesquisa sobre o respetivo colecionador e o fundador do Museu ao qual foram doadas e uma descrição de todas as tarefas que me ajudaram a conseguir os meus objetivos.

O presente Relatório encontra-se dividido em três capítulos e várias secções. O Capítulo 1, aborda a cultura material e as coleções museológicas, onde começa por ser analisada a importância e o significado de cultura material. São passados em revista os contributos de alguns autores que se dedicaram a estudar o tema, como I. Kopytoff (1986), A. Appadurai (1986), K. Pomian (1987) e C. Tilley (2006). O Capítulo 1 tem, portanto, como objetivo fornecer as bases teóricas fundamentais para a consideração das múltiplas dimensões da cultura material, tais como a social e a cultural, e do novo estatuto que os objetos ganham após entrar no Museu. O capítulo 1 subdivide-se em duas secções que abordam o tópico das coleções, bem como os modelos de estudo de coleções. São analisados os entendimentos de vários autores sobre o conceito de coleção e o percurso que tais entendimentos foram percorrendo. Depois são passados em revista quatro modelos de estudo de coleções, preparando assim o leitor para melhor compreender a minha escolha pela elaboração de um modelo de estudo composto para a coleção de chumbadas de Alexis Passechnikoff.

No Capítulo 2 é apresentada, com mais detalhe, a coleção em estudo e o modelo por mim concebido e utilizado para o seu estudo. A coleção de chumbadas, pesos de chumbo de variadas formas geométricas, utilizadas na pesca desportiva, foi recolhida por Alexis Passechnikoff na década de 1980 e doada ao Museu do Mar em 1990. Tratando-se de uma coleção algo incomum, mas em simultâneo constituída por objetos bastante “banais”, foi necessário encontrar um modelo de estudo que melhor se adequasse à mesma. Partindo dos modelos de estudo apresentados no Capítulo 1, elaborei um modelo que desse resposta às questões que considere mais pertinentes responder. Inicialmente foi necessário saber o que eram chumbadas e para que eram utilizadas, pelo que comecei um processo de investigação que incluiu uma pesquisa bibliográfica, contactos com instituições museológicas e entrevistas com várias pessoas ligadas à pesca desportiva. Seguiu-se o estudo do percurso da coleção e do seu colecionador, tendo sido estabelecidos

contactos diretos com Alexis Passechnikoff, residente atualmente na cidade de Lisboa. A pesquisa englobando a pessoa de Passechnikoff e de António Ferreira Vila Cova, o fundador do Museu do Mar de Vila do Conde, permitiu ter uma noção mais abrangente do perfil de um colecionador no seio de uma comunidade piscatória. Neste Capítulo 2 são descritas também as outras etapas do estudo realizado, como o inventário da coleção, as medidas tomadas para a sua conservação e acondicionamento e o desenho arqueológico que sobre as peças foi feito.

O Capítulo 3 organiza-se de forma a dar a conhecer a instituição museológica onde decorreu o Estágio, o Museu de Vila do Conde e a instituição museológica à qual pertence a coleção, o Museu do Mar de Vila do Conde, bem como o seu fundador, António Ferreira Vila Cova. Para além disso procura sistematizar as atividades desenvolvidas no decorrer do Estágio, realizadas em paralelo ao estudo da coleção.

Capítulo 1 – Cultura Material e Coleções de Museu

*“Os objetos são o nosso outro eu; quanto melhor os compreendermos, mais perto chegamos do autoconhecimento”
(Pearce, 1994: VII)*

A cultura material faz parte da nossa sociedade desde o início dos tempos. Crescemos rodeados de objetos e a pensar neles, antes mesmo de termos consciência da sua importância. A certa altura somos confrontados com a noção da sua utilidade e significado; percebemos que nos fornecem pistas de quem fomos e de quem somos. A vontade de desvendar a história por trás do objeto é o que motiva muitos dos investigadores a estudar a cultura material, como é o caso deste Relatório em que se pretende revelar o estudo de uma coleção.

Susan Pearce (1995: 14) lança a ideia de que a fala e a capacidade de construir objetos constituem as bases da nossa sociedade: “está claro que a habilidade de fazer coisas e a habilidade de dizer coisas (...) estão na raiz da cultura humana”. É certo que ambas têm e comunicam significados no interior da respetiva sociedade, sendo que a diferença entre elas é que os objetos possuem uma existência física. Neste sentido, Tilley (2006: 4) completa a ideia dando a noção de que “as pessoas fazem e usam os objetos e os objetos fazem as pessoas”. Esta inter-relação, entre objetos e pessoas, refere-se ao facto dos objetos representarem, mas também constituírem a comunidade em que estão inseridos e através deles se poder aceder a várias dimensões sociais e culturais. Os objetos dão-nos, portanto, pistas a nível social e individual. Nesta perspetiva é natural que os objetos suscitem o interesse dos investigadores. Sendo objetos raros ou objetos do quotidiano, todos possuem significados para transmitir, cabe-nos a nós percebê-los e interpretá-los. Neste contexto, vários autores se dedicaram ao estudo da cultura material, interpretando-a de modos diversos.

É pertinente referir que o campo da cultura material tem contornos e formas de abordagem distintas no interior de várias disciplinas. Para Daniel Miller (1994: 13), o estudo da cultura material traduz-se no “estudo das relações humanas, sociais e ambientais, através das evidências das construções que as pessoas fazem do seu mundo material”. D. Miller sugere a ideia de que a partir da cultura material podemos estudar as

relações humanas, sociais e ambientais, que é, na minha opinião, a base do estudo da cultura material.

Já C. Tilley (2006) reafirma o facto da cultura material ser um campo interdisciplinar e acrescenta que o conceito de materialidade fornece o ponto de partida e a justificação. “Este campo de estudo centra-se na ideia de que a materialidade é uma dimensão integral da cultura e que existem dimensões de existência social que não podem ser compreendidas sem ela”. Esta definição de cultura material reforça o que foi dito anteriormente por Miller (1994), acerca da importância da materialidade no estudo da sociedade, e acrescenta a ideia de que a materialidade faz parte da cultura, ainda que frequentemente o material e o cultural sejam vistos como opostos. Para contrariar isso, Tilley (2006) frisa que a cultura material não se reduz às suas características físicas, à fisicalidade do objeto. Há que atender também à materialidade que remete sempre para o seu contexto social de produção e de uso, isto é, quem produziu o objeto e em que circunstâncias, quem o usa e como é usado (é utilizado por todos?) e as relações que daí se formar. A cultura material surge como integrante da cultura humana.

Jules Prown (2008), também se dedicou ao estudo da cultura material. Para este autor, o estudo da cultura material através dos seus artefactos e crenças é um modo de aceder aos valores, ideias, atitudes e suposições de uma comunidade ou sociedade, num determinado tempo. J. Prown (2008) afirma, em concordância com os autores anteriores, que a premissa do estudo da cultura material é pensar os objetos feitos ou modificados pelo ser humano como refletindo, direta ou indiretamente, as crenças de quem os fabricou, comprou ou usou e, por consequência, as crenças da sociedade a que pertencem. É uma noção pertinente, visto que vai além dos aspetos técnicos da existência física dos objetos e inclui as crenças do indivíduo e deste dentro de uma sociedade. Entendo como igualmente pertinente estudar os significados da cultura material num determinado tempo e as suas variações ao longo dos tempos, de forma a verificar se as suas mudanças de significado.

Appadurai (1986), por sua vez, traz a ideia de que a cultura material tem vida social e, acima de tudo, faz notar que as mercadorias, isto é, bens produzidos e distribuídos em massa, também são cultura material. Sobre o conceito de valor, defende

que este está embutido em todos os objetos independentemente da forma como são obtidos. Resumindo, toda a cultura material tem vida social, sendo necessário atender à sua biografia.

Igor Kopytoff (1986: 65) introduz o conceito de “biografia cultural dos objetos” através da analogia com a escravatura. Isto para rebater a posição que a nossa sociedade tende a estabelecer entre os objetos como representantes do universo das mercadorias e as pessoas como representantes do universo da individualização. Como se pode retirar a individualização às pessoas através da escravatura, também se pode individualizar os objetos. Defende que no caso dos objetos, estes ganham uma identidade social, sendo possível seguir o seu percurso biográfico. Isto é, os objetos possuem um percurso de vida ao longo do qual podem mudar de significado/função/ valor. Este conceito é deveras importante, uma vez que através das biografias dos objetos podemos dar conta de transformações sociais e culturais. Ao longo da sua vida e à medida que muda de estatuto, o objeto vai ganhando novas identidades sociais.

“As biografias das coisas tornam saliente o que de outra forma poderia continuar no escuro” (Kopytoff, 1986: 67). É então através da sua biografia que podemos ficar a conhecer determinados aspetos sobre os objetos que de outra forma não saberíamos. Kopytoff (1986: 68) defende ainda que existem vários tipos de biografias, como a social, a técnica e a económica. Torna-se pertinente referir que um dos objetivos deste Relatório é revelar a biografia da coleção de chumbadas pertencentes ao Museu do Mar de Vila do Conde.

A propósito do objeto de museu tem também pertinência o conceito de “semióforo” de Pomian (1987), pelo qual se procura traduzir a ideia de que os objetos quando entram no Museu ganham um outro estatuto. Perdem a sua funcionalidade (técnica e social), ganhando um outro significado e papel. Nessa situação, Pomian (1987: 30) defende que os objetos de Museu são veículos de inter-relação entre o visível e o invisível. Através dos objetos de Museu podemos aceder ao ausente, em termos cronológicos e em termos espaciais, tornando-o presente. O invisível torna-se, assim, visível no Museu pelo que os objetos conseguem representar e sugerir.

1.1. Coleções

“A nossa relação com os objetos – como produtores, donos e colecionadores – é uma característica da meta-narrativa moderna e, por isso, à sua maneira, é o nosso esforço para entender a cultura material e o nosso interesse nela” (Pearce, 1992: 3)

Da relação que o ser humano tem com o mundo material pode resultar, entre outras, a atividade de colecionar. A produção e distribuição em massa, típica da sociedade industrial e capitalista, torna mais abundante a cultura material existente e também democratiza a possibilidade de posse de objetos por mais pessoas. Isto, aliado ao gosto pelos objetos, conduz à existência de mais colecionadores e coleções. Para Belk (1995: 53) foi esta produção em massa e o crescimento da cultura material que tornou possível também o colecionismo em massa. Nesta perspectiva, o colecionismo é entendido como um tipo especial de consumismo.

Mas afinal o que é uma coleção? É difícil encontrar uma definição definitiva do que seja uma coleção. Existem várias definições propostas por vários autores e todas possuem algo em comum e algo novo. No fundo, todas vão incluindo mais dimensões na tentativa de melhor descrever uma coleção. Durost (1932) foi dos primeiros autores a definir o que seria uma coleção:

“Uma coleção é basicamente determinada pela natureza do valor atribuído aos objetos, ou ideias que a compõem. Se o valor predominante de um objeto ou ideia para a pessoa que os possui for intrínseco, se for valorizado primeiramente para o uso, ou propósito, ou pela qualidade estética, ou outro valor inerente ao objeto, ou se ocorrer através dos costumes, ou hábitos, não é uma coleção. Se o valor predominante for representativo, se o objeto ou ideia for valorizado pela relação que tem com outro objeto ou ideia, ou objetos ou ideias, como fazer parte de uma série, parte de um todo, parte de uma sequência, então é uma coleção.” (Durost, 1932: 157)

Através desta definição inicial de Durost (1932), fica estabelecido o carácter não utilitário e a obrigatoriedade de série ou sequência. Trata-se de uma definição inicial, que

não contempla os vários motivos que levam uma pessoa a colecionar e como tal os seus variados significados. Esta definição parece-me, por isso, um pouco redutora. Por outro lado, ao assumir que os objetos valorizados pela sua utilidade não são uma coleção, está em concordância com a noção expressa por K. Pomian (1987), através da noção de semióforos. J. Baudrillard (1996: 2) reafirma a mesma ideia de que o objeto desprovido da sua função utilitária adquire um estatuto subjetivo, tornando-se parte de uma coleção.

É então genericamente reconhecida a questão da reunião e seleção de objetos. S. Pearce (1995: 27) adiciona ainda que a coleção é constituída com o propósito de transportar o colecionador do mundo comum dos bens para um mundo com significado especial. Esta perspetiva fornece um complemento interessante à definição de coleção, na medida em que refere um “mundo” dos colecionadores. Quem estuda coleções e os seus respetivos colecionadores, apercebe-se que se entra numa atmosfera diferente, em que o colecionador cria um mundo que parece quase sagrado para ele. Belk (1995: 67), por sua vez, introduz a ideia de que o objeto pode ser valorizado por algo mais do que simplesmente fazer parte de um todo. Ambos os autores insistem, portanto, na vertente emocional ligada aos objetos e às coleções, facto importante no estudo da cultura material.

Resumindo, penso que podemos definir coleção como sendo um conjunto de objetos relacionados entre si, obtidos através de um processo de seleção motivado pela atribuição de significado ou interesse particular, que são retirados da sua função quotidiana e aos quais atribuímos um significado particular. Já Pearce (1995: 157) dizia que num mundo de objetos, pessoas diferentes levam objetos diferentes aos seus corações e mentes.

Uso a definição anterior como ponto de partida e quero sobretudo fazer notar que há uma dimensão emocional subjacente a cada coleção. É também isso que torna pertinente estudar a natureza das coleções. Susan Pearce (1992: 68) destaca três modos de colecionar: souvenir, de fetiche e sistemática. Os souvenirs são amostras de eventos que podem ser lembrados, a prova de uma viagem ou a lembrança de um familiar. Colecionar na forma de fetiche envolve a paixão do colecionador pelo colecionismo e o prazer que este retira ao adquirir mais um objeto para a sua coleção. Nas coleções sistemáticas, a ênfase está na classificação das peças no interior do conjunto de objetos.

Em relação às coleções museológicas, Susan Pearce (1994) considera que o estudo de coleções deve englobar três áreas. A área da política de gestão de coleções, que tem que ver com as decisões sobre o que o museu deve ou não colecionar, como as coleções devem ser expostas e a relação entre sistemas de documentação e os tipos de pesquisa que podem ser gerados. Está-se a falar, portanto, da aquisição/alienação; da documentação e da investigação, sendo que cada uma dessas vertentes pode ser desenvolvida em níveis diversos. A segunda área cobre a história das coleções e do colecionismo. O foco está no rastreamento das aquisições, na biografia dos colecionadores e na relação entre coleções e a missão de museu. A terceira área diz respeito à natureza das coleções e às razões pelas quais as pessoas colecionam (tanto as razões intelectuais como as psicológicas e sociais).

Neste Relatório interessa-me abordar a história da coleção de chumbadas de Alexis Passechnikoff, a biografia do seu colecionador e as razões porque colecionava. Neste sentido elaborei uma metodologia de estudo da coleção que tem como base os modelos propostos por vários autores. Deve ser tido em conta que, no caso da coleção de chumbadas, a abordagem não poderia ser a mais tradicional que sugere uma lógica interna nas coleções, estabelecida pelo seu fundador inicial e geralmente perpetuada pelos subsequentes tratamentos que lhes são dados no museu. No caso a coleção nunca sofreu qualquer estudo ou tratamento no interior da instituição que a abriga. Para além disso, o seu colecionador parece ter sido guiado sobretudo por um esforço de acumulação.

1.2. Modelos de Estudo de Coleções

Vários autores desenvolveram modelos de estudo de coleções, cada um destacando variáveis distintas. Cabe ao investigador perceber qual o modelo que melhor se aplica ao seu alvo de estudo ou, até mesmo, criar um modelo novo com base nos pré-estabelecidos. Vou passar em revista quatro modelos, todos datados do mesmo período, mas que contêm variações diversas.

Jules Prown (1994) desenvolveu uma metodologia baseada na descrição, dedução e especulação. A descrição é restrita ao que pode ser observado no próprio objeto (evidência interna). Na prática, começa-se pelas observações mais gerais e progride-se

sistematicamente para detalhes mais particulares. A terminologia deve ser o mais precisa possível e o analista deve procurar ser objetivo, não deixando interferir conclusões derivadas de outras experiências. A descrição começa com uma análise substancial, um relato das dimensões físicas, do material e da articulação do objeto. Segue-se a descrição dos materiais: o que são, quão extensivamente são usados e o padrão da sua distribuição pelo objeto. O próximo passo na análise é a descrição do conteúdo e, por último, surge a análise da forma do objeto.

A dedução é a relação entre o objeto e o recetor. O analista procura imaginar como seria usar e interagir com o objeto. Se a condição o permitir, o analista manuseia, levanta e usa o objeto. A maioria das pessoas, com base no seu conhecimento do mundo físico e na evidência da sua experiência de vida, devem ver as deduções como sendo interpretações das evidências fornecidas pela descrição. O primeiro passo na dedução é a experiência sensorial do objeto. Tocar para sentir a textura e levantar para sentir o peso. O segundo passo é a apreensão intelectual do objeto, consideração sobre o que faz e como faz. Por último existe a resposta emocional do observador.

A especulação relaciona-se com a mente do analista. É desejável uma imaginação o mais criativa possível, a livre associação de ideias e percepções para verificar o que é plausível através do senso comum e do julgamento do analista. O primeiro passo na especulação é rever a informação que resultou da descrição e da dedução e, em seguida, formular hipóteses. Isto é, desenvolver teorias que possam explicar o que foi observado e sentido. O segundo passo é desenvolver um programa para validação, isto é, um plano para investigação formal das questões colocadas pela evidência material. Neste ponto podem ser trazidas metodologias e técnicas de várias disciplinas, de acordo com a natureza das questões levantadas.

Este modelo surge como demasiado centrado sobre o objeto e a sua funcionalidade. Através deste modelo não parece ser possível atender à vida social do objeto e à sua biografia particular.

Susan Pearce (1994) estabelece a sua metodologia de acordo com as propriedades do artefacto e o estudo e análise apropriada para cada propriedade. Analisa o objeto de acordo com o seu material, a sua história, o ambiente e o significado. Parte do corpo físico

do objeto, dos componentes através dos quais foi construído e dos ornamentos que detenha. A descrição física da peça inclui uma descrição escrita do processo da construção e ornamentação numa linguagem técnica apropriada. A identificação destes atributos permite a sua comparação com outros artefactos da mesma tipologia. A partir das características físicas de um objeto podemos enveredar pela sua história. Esta divide-se em duas: a sua própria história, atendendo aos detalhes da sua construção e do seu uso no seu próprio tempo e espaço, e a história subsequente da coleção, publicação e exibição. Isto pode envolver técnicas científicas de datação, pesquisa histórica para estabelecer detalhes da carreira do construtor e o máximo de factos possíveis sobre o objeto. Também se investiga a função do objeto no seu tempo e depois disso. Por último, existe o significado do objeto para o seu próprio tempo e espaço e na atualidade. Aqui é tido em conta o plano emocional, coletivo e individual do objeto, sendo neste ponto que o estudo pode dar contributos mais importantes sobre o entendimento do ser humano em sociedade.

Este modelo vai mais longe na consideração das dimensões emocionais presentes nos objetos da cultura material, mas ainda assim as suas dimensões sociais são grandemente desatendidas.

Batchelor (1994) e Fleming (1994) apresentam, cada um, modelos ainda mais esquemáticos. Batchelor (1994) criou um modelo diagrama que contempla sobretudo a dimensão física do objeto. Neste contexto, incide sobre a ideia inicial ou invenção, isto é, as ideias que deram origem ao objeto, sobre o material, através da caracterização do material de fabrico, sobre a manufatura, estudando a técnica de fabrico e procurando o fabricante e sobre a sua utilidade. Por outro lado, contempla, também, o marketing feito no processo de venda do objeto e o design do mesmo. Neste modelo, só se conseguiria chegar a uma dimensão social através do estudo da ideia que deu origem ao objeto, uma vez que a criação do mesmo simboliza a sociedade em que está inserido.

Fleming (1994) baseia o seu modelo em duas vertentes: a descrição e a análise. Na descrição cria categorias como a história do objeto, localizando no tempo e no espaço a produção do objeto, o seu criador e o motivo da criação. Prevê, também, dar resposta ao material, à manufatura e ao design, descrevendo a forma do objeto, as suas dimensões

e possíveis inscrições. Por último, analisa a função do mesmo, revelando para que serve o objeto, como foi utilizado e se demonstra marcas de uso. A análise é composta pela identificação, pela avaliação, pela análise cultural e pela interpretação.

Os modelos de estudo de coleção acima expostos possuem, na minha opinião, uma falha: estão completamente centrados no objeto. Isto quer dizer que não atendem à biografia do objeto, que tem de ser procurada de outro modo. Estes modelos de estudo acabam por não cruzar com o reconhecimento da cultura material como detendo uma materialidade que se enreda com os seres humanos, o que os torna de certa forma de aplicação limitada. Apenas os modelos apresentados por Susan Pearce (1994) e Fleming (1994) podem permitir alguma aproximação à biografia cultural dos objetos. O modelo que utilizei no estudo da coleção de chumbadas de ALEXIS PASSECHNIKOFF foi, portanto, reelaborado por mim. Baseou-se nos modelos anteriores, retirando um pouco de cada um, mas procurou ser mais abrangente.

Levando em atenção os quatro contributos, elaborei um modelo de análise que procurou atender à descrição do visível e à interpretação do invisível. Retive a descrição dos componentes físicos, de forma a poder comparar a coleção em estudo com outras da sua tipologia e já a pensar no inventário que iria fazer. Observar as características das chumbadas levou-me a pensar sobre a sua história, fazendo-me refletir sobre o seu uso no seu próprio tempo e espaço, comparando com o seu uso na atualidade. Para além disso, levou-me a pesquisar sobre o que estaria na origem desses objetos e na sua reunião e qual seria o processo de fabrico. Interessava-me, também, ir mais além e contemplar os valores e significados associados aos objetos, tentando construir a sua biografia.

Capítulo 2 – A coleção em estudo e o estudo da coleção

A coleção que me foi atribuída para estudo foi a coleção de chumbadas do Museu do Mar de Vila do Conde. Esta coleção foi reunida por Alexis Passechnikoff e foi doada pelo mesmo ao Museu em 1990. Quando as instalações deste Museu fecharam em 1998, esta coleção foi, juntamente com o restante espólio, depositada na reserva do Museu de Vila do Conde.

Como os objetos da coleção eram novos para mim, precisava de saber o que eram e para que serviam. Para além das informações que me foram fornecidas no Museu de Vila do Conde, surgiu a necessidade de uma pesquisa mais abrangente, que me obrigou a pesquisar também sobre pesca e tipos de pesca. Chumbadas são “pedaços de chumbo que guarnecem os aparelhos de pesca para os fazer mergulhar” (D’Assunção, 2009). São, portanto, feitas de chumbo na sua maioria, possuem várias formas e são utilizadas de acordo com o tipo e zona de pesca.

A pesca, assim como a caça, é uma atividade praticada desde a Antiguidade. Sempre existiram pessoas que pescavam para ter o seu sustento e, com o passar do tempo, a pesca também começou a ser encarada como uma atividade de lazer. É neste âmbito que se insere a pesca lúdica, isto é, de lazer. Para lá da pesca profissional e, portanto, feita em barco no alto mar, existe a pesca lúdica que pode ser feita também em embarcação ou a partir de terra. Nesta modalidade de pesca, em ambos os casos se recorre ao uso da cana ou/e linha de mão. Apesar de ser uma pesca de lazer, também ela é sujeita a um regulamento e a uma licença.²

Para praticar a pesca à cana, são necessários os seguintes materiais: cana, carreto (suporte utilizado para puxar e soltar a linha), linha, anzol e chumbada. Todos estes materiais são escolhidos de acordo com o tipo de pesca que o pescador pretende praticar. Para a pesca em terra, a cana de fundo, mais convencional, deve ser robusta e flexível, e o carreto ser feito de um material não corrosível e capaz de suportar grandes quantidades de fio. Para a pesca à boia, a cana deve ser ultraleve e flexível na ponta para que o pescador sinta o toque dos peixes, e o carreto deve ser pequeno e leve. Para a pesca de embarcação,

² Licença obtida junto dos meios próprios, pode ser diária, mensal ou anual, onde consta as regras de pesca.

a cana deve ser robusta e curta e o carreto deve ser capaz de suportar a captação de um peso muito maior, possuindo uma bobina capaz de enrolar centenas de fio de nylon mais espesso. A escolha da linha e do anzol para além de depender do tipo de pesca, depende da preferência do pescador, daí ser complicado estabelecer as diretrizes. A linha deve ser espessa, maleável e resistente e o anzol pode variar de tamanho entre o 1 e o 16, sendo o número 1 o maior.

Por fim, a chumbada tem como objetivo afundar a linha no lançamento da cana e mantê-la numa determinada posição e profundidade. No caso da pesca à boia, a este material dá-se o nome de chumbos ou chumbinhos, tratando-se de pequenas esferas de chumbo. A chumbada escolhe-se de acordo com a zona de pesca. Por exemplo se for uma zona rochosa utilizam-se as chumbadas esféricas (de forma a não ficarem presas) e se for uma zona arenosa utilizam-se as chumbadas piramidais (para que afunde melhor). Também se escolhem de acordo com a corrente, traduzindo-se a variação desse fator no peso da chumbada.

Os 390 objetos que constituem a coleção do meu estudo são, portanto, chumbadas que têm como função afundar a linha de pesca, tendo sido constituída por Alexis Passechnikoff e doada ao Museu do Mar em 1990.³

2.1. Modelo de Estudo

Depois do primeiro contacto com a coleção e depois de ter percebido minimamente a função dos objetos que tinha pela frente, procurei definir um modelo apropriado ao seu estudo. Em termos gerais é um modelo que sintetiza os modelos abordados no Capítulo 1, mas que não desatende às problemáticas mais recentes dos estudos de cultura material. Pretendia não apenas perceber a função dos objetos, mas

³ O relato feito por Alexis Passechnikoff no seu livro fala em 400 exemplares, mas a coleção que me foi destinada para estudo compreende apenas as 390 peças que refiro como a coleção de chumbadas de Alexis Passechnikoff.

também os motivos do seu colecionador e o significado das informações recolhidas. Em termos esquemáticos, o modelo utilizado pode ser apresentado do seguinte modo:

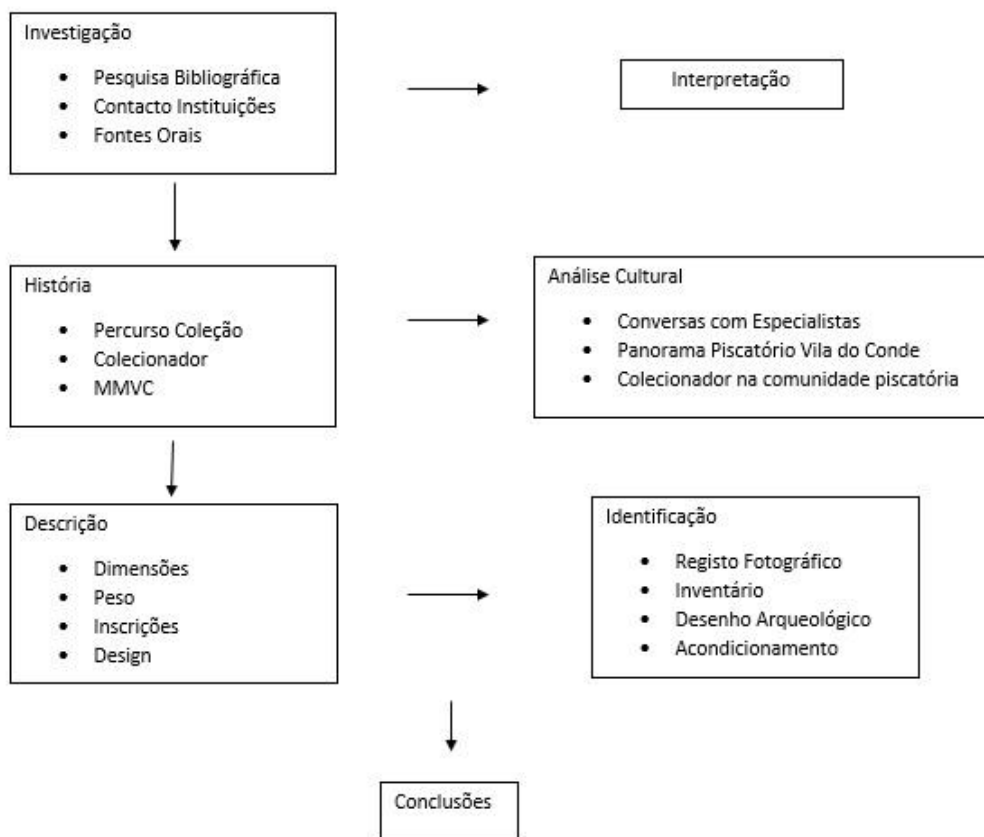


Fig. 1 Esquema do modelo de estudo da coleção de chumbadas

Inicialmente procurei familiarizar-me com o assunto das chumbadas. Esta etapa revelou alguns desafios, visto o tema ser pouco explorado nas monografias dedicadas à pesca. Para contornar as dificuldades apresentadas, entrei em contacto com alguns museus marítimos⁴ e outros organismos, como o Centro Nacional de Arqueologia

⁴ Na fase inicial do estudo, contactei por correio eletrónico as seguintes instituições museológicas: Museu Marítimo de Ílhavo, Museu Nacional de Etnologia (Lisboa), Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), Museu Dr. Joaquim Manso (Nazaré), Museu da Aguda, Museu da Póvoa de Varzim, Museu de Esposende.

Náutica e Subaquática (CNANS), o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), o Centro de Formação profissional das Pescas e do Mar (FOR-MAR) e a Associação Bind'o Peixe de Vila do Conde, com o objetivo de saber se possuíam coleções semelhantes ou se me poderiam aconselhar bibliografia que ainda não tivesse encontrado. A maioria dos meus contactos revelou-se infrutífera, na medida em que as instituições ou não possuíam coleções de chumbadas ou não tinham conhecimento acerca da bibliografia. No entanto, o Museu Marítimo de Ílhavo conseguiu superar todas as minhas expectativas ao aconselhar-me várias monografias. Em particular, uma dessas monografias forneceu-me informação útil sobre algumas tipologias de chumbadas. Para além disso, o contacto com o Presidente da Associação Bind'o Peixe deu-me luzes sobre o panorama piscatório dos anos 1980 em Vila do Conde e forneceu-me o contacto do neto de António Ferreira Vila Cova, através do qual consegui um depoimento da filha do mesmo sobre António Ferreira Vila Cova. O Dr. Miguel Carneiro do IPMA auxiliou-me na definição de critérios para estabelecer tipologias. Ao longo desta etapa da pesquisa e consequente consulta bibliográfica familiarizei-me com o assunto da pesca lúdica.

Tendo como ponto de partida o livro *A agulha de marear no imaginário de Francisco Manuel Pinheiro 1867-1946 e Eduardo Francisco Pinheiro 1908-1978* escrito por Alexis Passechnikoff, e existente no Museu de Vila do Conde, confirmei que esta coleção de chumbadas fora recolhida por Alexis Passechnikoff ao longo de toda a costa portuguesa nos anos de 1980 e doada ao Museu do Mar de Vila do Conde, em 1990. Já sabia o que eram chumbadas e a sua função e também já tinha identificado a data de entrada no Museu e a sua origem. Achei por isso pertinente passar a uma outra fase e entrar em contacto com o colecionador, colocando-lhe um conjunto variado de questões sobre ele próprio e sobre a coleção. Este contacto tinha como objetivo dar resposta a questões que se enquadravam na história e no percurso da coleção, assim como nas razões da sua constituição. O contacto com o colecionador Alexis Passechnikoff realizou-se através de correio eletrónico e pode-se dizer que permitiu uma série de entrevistas informais que foram sendo feitas ao longo de toda a investigação. Sempre que surgia uma nova dúvida, esta era exposta ao colecionador. Foi também feito um convite a Alexis Passechnikoff para se deslocar ao Museu com o objetivo de lhe fazer uma entrevista mais

formal junto da coleção, mas infelizmente tal convite não foi aceite. Numa próxima secção deste Capítulo será apresentada uma síntese da informação reunida sobre Alexis Passechnikoff e a coleção a partir destes contactos via correio eletrónico.

Através destes meus contactos com Alexis Passechnikoff, descobri que os primeiros exemplares da coleção foram encontrados por si no final da década de 1970, durante o exercício da pesca submarina, ainda que a intenção de formar coleção só tivesse surgido na década de 1980. A continuação do processo de constituição da coleção implicou deambulações por vários locais e até mesmo a participação numa exposição ocorrida na cidade do Porto, a Expocêntrica81. Sistematizando todas as informações reunidas sobre a coleção, consigo elaborar o seguinte esboço de cronologia do seu percurso, ainda que o colecionador não tenha feito nem possua um registo exaustivo de cada exemplar.

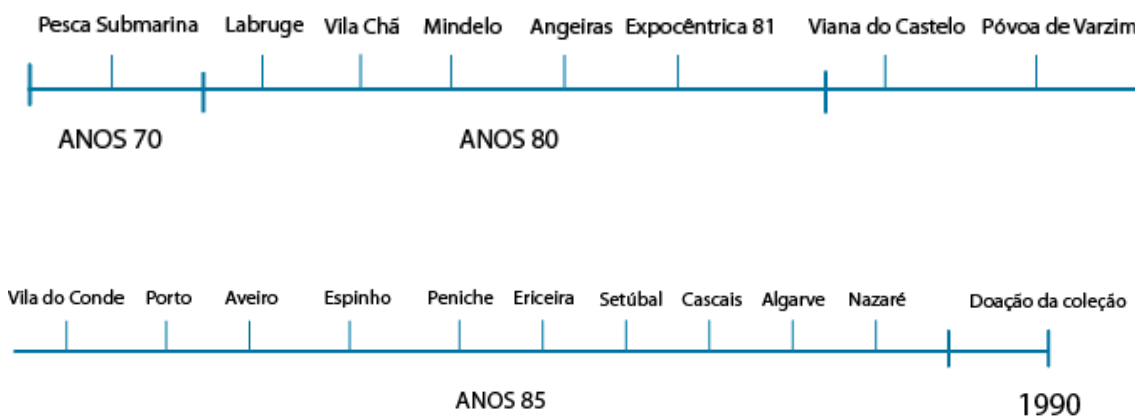


Fig.2 Cronologia do percurso de constituição da coleção

Numa terceira etapa, concentrei-me nas questões técnicas relacionadas com as características físicas dos objetos. Para tal, estabeleci as vertentes às quais tinha interesse em dar resposta: design, manufatura e materiais. Esta etapa recolhe conhecimentos dos vários modelos de estudo abordados no capítulo I. No meu primeiro contacto com a coleção comecei por manusear os objetos, contemplando as suas dimensões e o seu peso. Fiz de seguida um registo fotográfico com escala, de vários ângulos de todos os objetos

da coleção. Esta apresentou-se como uma das primeiras ações por mim realizada durante o Estágio sobre os exemplares da coleção. Esta tarefa revelou-se importante na medida em que serviu de registo sobre o estado das peças no início do processo de estudo, quando ainda não fora exercida sobre elas qualquer outra ação. Com base nessas fotografias pôde posteriormente ser feita uma comparação entre o antes e o depois da limpeza a que a coleção foi sujeita.⁵



Fig. 3 MVC-05810-MM (antes da limpeza) Fig.4 MVC-05810-MM (depois da limpeza)

Nos procedimentos regulares de documentação de coleções está estabelecido que o registo fotográfico é importante para fins de documentação, partilha e identificação dos objetos, nomeadamente no caso de acontecer uma eventualidade no Museu.

Posteriormente ao registo fotográfico das peças, realizei uma descrição de todas as suas características observáveis tais como a forma, marcas de uso, materiais, inscrições e cores. Nesta fase também registei as dimensões e peso de cada chumbada. Numa descrição geral pode-se dizer que uma chumbada é constituída por um corpo e por uma argola. Com esta análise conclui que 62 chumbadas apresentam inscrições, que as suas medidas variam entre 1cm a 15cm e os seus pesos entre 20 gramas e as 32 gramas, que o

⁵ Depois dessa limpeza feita, uma técnica do Museu fotografou novamente todas as peças da coleção, procurando obter um registo com boa qualidade fotográfica.

material do corpo da chumbada consiste em chumbo ou ferro e que o material das argolas é em ferro, cobre e nylon.

Durante esta fase a que chamei de descrição, dei por mim a fazer deduções, tal como Prown (1994) prevê no seu modelo de estudo. Ao manusear os objetos tentei perceber como cumpririam a sua função, visto que alguns eram muito pesados e com formas invulgares. A dedução acaba por levar a uma fase de especulação, na qual se pretende que a mente seja o mais criativa possível, para formular hipóteses. Para ultrapassar as dúvidas que surgiram nesta fase, acerca da função do objeto, contactei o colecionador e também alguns pescadores, para que me elucidassem. Acabei por perceber que tudo tem a sua razão de ser e que até mesmo as chumbadas mais pesadas e com formas invulgares tinham o seu propósito: serviam para a pesca de linha de mão, onde apenas se deixa cair uma linha com a chumbada no fundo do mar.

2.2. Conversas com especialistas

“As entrevistas contribuem para descobrir os aspetos a ter em conta e alargam ou retificam o campo de investigação das leituras” (Quivy e Campenhoudt, 1995: 191)

Com intenção de não me limitar a atender apenas às dimensões físicas do material da coleção e de efetivamente alargar a compreensão sobre a função e importância daqueles objetos, realizei também diversos contactos com várias pessoas. Uma das tarefas mais importantes no decorrer do estudo da coleção foram, então, as conversas com os pescadores, os verdadeiros especialistas nesta temática.

Realizei cinco entrevistas exploratórias, mais em tom de conversa por achar que era o método que melhor se aplicava. Os pescadores, na minha experiência, são pessoas que gostam de conversar num ambiente tranquilo e fazer um inquérito por questionário seria, na minha opinião, deixá-los desconfortáveis e perder-se-ia muita informação que surge no decorrer de uma conversa informal. Neste contexto, apliquei o método Rogers (Quivy e Campenhoudt, 1995: 194), tendo feito o menor número possível de perguntas e deixado o entrevistado falar à vontade, para não o impedir de comunicar toda a sua experiência. Realizei as entrevistas num ambiente que julguei adequado, na sala de

reuniões cedida pelo Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde, e gravei as interações em áudio. O critério na escolha dos entrevistados foi a idade e a naturalidade dos pescadores, pois a intenção era poder conversar com quem teria pescado na altura em que as chumbadas da coleção foram recolhidas e que o tivesse feito nas zonas onde sabia que os exemplares tinham sido recolhidos. Entrevistei cinco homens dos quais alguns participaram em cursos de lançamentos e na pesca federada à cana.

Os cinco entrevistados foram o Sr. Delfim Nora, pertencente ao NAPESMAT⁶, o Sr. Sérgio Silva, o Sr. António Senra, o Sr. Albino Gomes e o Sr. Domingos Couto, com idades compreendidas entre os 41 anos e os 76 anos, todos praticantes da pesca lúdica, mas residentes em várias localidades⁷. Todos observaram as chumbadas pertencentes à coleção estudada, menos o Sr. Domingos Couto que foi entrevistado à beira rio.

Todos estes pescadores entrevistados foram úteis no esclarecimento da temática e como bónus tive direito a ouvir histórias e aventuras. Para além disso, fiquei a conhecer termos utilizados no meio piscatório, o que deu origem a um pequeno glossário que se encontra no apêndice A.

A questão de como os objetos cumprem a sua função, de certa forma conduziu-me à próxima questão: a manufatura. A bibliografia não me deu resposta a esta questão, pelo que foi através do colecionador e dos pescadores que tive conhecimento dos métodos de fabrico. Fiquei a saber que o fabrico depende do tipo de pescador e das suas capacidades monetárias. Caso se trate de um pescador intensivo é mais provável que faça as suas próprias chumbadas, de forma a poupar dinheiro, enquanto um pescador esporádico pode dar-se “ao luxo” de comprar nas lojas. No entanto, isto também dependerá das suas capacidades monetárias: se o pescador tiver posses é mais provável que compre em lojas. Caso não tenha grandes meios financeiros, será adepto do fabrico caseiro, podendo fazer as chumbadas com moldes artesanais (cana de foguetes, colher, batata) ou moldes comerciais. Começo, portanto, a perceber do que pode resultar a grande variedade de objetos que constituem a coleção em estudo.

⁶ NAPESMAT – Núcleo de Amigos dos Pescadores de Matosinhos.

⁷ Na atualidade, só o Sr. Albino Gomes já não pratica a pesca lúdica, dedicando-se hoje em dia, contudo, a investigar a temática.

As conversas tidas com os pescadores foram um passo importante na minha metodologia. Afinal quem melhor do que eles para me ensinar acerca das chumbadas e da pesca no geral? Os pescadores com quem falei informalmente eram provenientes de diferentes locais, nomeadamente de Matosinhos, do Porto, de Vila do Conde, de Labruge e da Póvoa de Varzim. O bairro dos pescadores em Matosinhos foi-me indicado pela Dr^a Liliana Pereira do Departamento de Arqueologia do Museu de Vila do Conde. O contacto com um pescador do Porto surgiu na sequência de uma ida minha à Ribeira do Porto. Os restantes pescadores eram conhecimentos e foram convidados a irem ao Museu pela Técnica de Conservação e Restauro do Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde, Ana Valentim. A intenção era recolher o máximo de informação possível e cruzar esta informação de forma a obter conclusões sobre tipos de chumbadas existentes, modalidades de fabrico e suas funções⁸. Relativamente ao material, já tinha identificado alguns dos materiais durante a fase da descrição. No entanto, alguns ainda me suscitavam dúvidas. Estas dúvidas foram retiradas pela técnica de conservação e restauro do Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde, Ana Valentim, que confirmou os materiais em questão.

A esta altura do processo de investigação, já tinha noção de que existiam vários exemplares de formas geométricas semelhantes e de vários materiais. Também sabia que as chumbadas poderiam ser caracterizadas de acordo com o tipo de pesca e de pescador. Achei, então, pertinente organizar a coleção de acordo com tipologias. Esta tarefa tinha como objetivo, para além de fornecer uma organização à coleção, permitir o seu melhor acondicionamento. De acordo com a pesquisa bibliográfica que tinha feito, conhecia o nome atribuído a alguns exemplares, como por exemplo: ovais, esféricas, piramidais. De acordo com a conversa tida com o Dr. Miguel Carneiro sabia que não existiam tipologias pré-estabelecidas no IPMA, mas que eram várias as formas de estabelecer tipologias, fosse pelo tipo de pesca em que eram utilizadas as chumbadas ou pelos materiais de que eram feitas, por exemplo.

Ponderadas todas as informações, decidi estabelecer as tipologias de acordo com as formas dos exemplares, pelo simples motivo de existirem vários

⁸ Esta informação pode ser consultada no Capítulo 3.

semelhantes. Adotei algumas tipologias encontradas nas monografias⁹ e estabeleci algumas novas (com a aprovação da Dr^a Ivone Pereira).¹⁰ Esta tarefa viria a facilitar, mais tarde, o acondicionamento da coleção.

2.3. Informatização da documentação

Como já referi anteriormente, não havia qualquer elemento de documentação sobre a coleção. Como se sabe, esse é um dos recursos indispensáveis para uma boa gestão do acervo, investigação e mediação. A coleção de chumbadas não se encontrava inventariada, pelo que o inventário foi outra das tarefas realizadas. Após o registo fotográfico, observei a coleção, anotando as suas características físicas, como cores, materiais, dimensões, peso, inscrições e marcas de cada exemplar. Atribui igualmente um número de inventário a cada objeto, de acordo com os procedimentos do Museu de Vila do Conde. Posteriormente, fiz a marcação desse número de inventário nos objetos¹¹.

Ter a documentação em formato digital é uma preocupação cada vez maior nos museus. Digitalizar a informação significa um acesso mais fácil à informação, a possibilidade de uma partilha mais rápida com outras instituições e uma maior segurança em termos de durabilidade. Cada instituição utiliza o programa informático que melhor se adequa às suas coleções, sendo no caso do Museu de Vila do Conde o In arte. Assim sendo, numa segunda fase da inventariação inseri no programa todas aquelas informações que tinha recolhido e sistematizado.

No programa In Arte a informação é organizada de forma precisa, sendo possível configurar os campos de acordo com as necessidades do utilizador. Para além disso, é possível relacionar toda a informação através do módulo “relações”. O programa informático encontra-se organizado de acordo com os módulos, tendo sido por mim

⁹ Biscoitos, Elipse, Rolhas, Catherine, Amêndoas, Gotas, Pirâmides, Barril, Balas e Ovais.

¹⁰ As tipologias encontram-se listadas no apêndice B.

¹¹ As chumbadas já traziam um número marcado que lhes tinha sido atribuído no Museu do Mar. Esta marcação foi mantida, juntamente com a nova marcação.

utilizados os módulos do inventário e da conservação. No módulo do inventário preenchi a ficha propriamente dita, colocando a descrição dos objetos, o número de inventário, as dimensões, o peso e as inscrições encontradas nos mesmos. No módulo da conservação, preenchi uma ficha de conservação para cada objeto, relatando a intervenção a que foram sujeitos, o interveniente e as observações necessárias relativamente ao seu acondicionamento. No módulo média, inseri as fotografias de cada objeto. Relacionei as fotografias que iriam identificar os objetos com a ficha de inventário e as fotografias que mostravam o antes e o depois da intervenção com a ficha de conservação.

A informação por mim introduzida no In Arte foi revista pela Dra. Arminda Rodrigues, responsável pelo inventário no Museu, tendo sido também quem me ensinou a utilizar o programa informático. Algumas das fichas de inventário podem ser consultadas no Apêndice C. Convém estar consciente de que a informação pode ser atualizada a qualquer momento que surjam novas informações, seja acerca do historial da coleção ou acerca de movimentos da mesma.

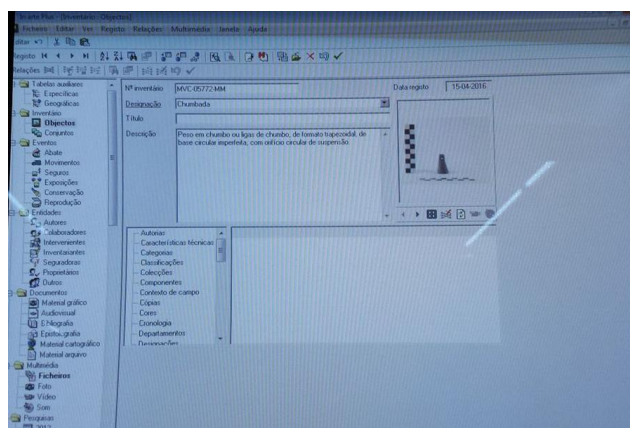


Fig.5 In Arte

Como a coleção possuía alguns exemplares curiosos, foi-me proposto que fizesse o desenho de alguns exemplares da coleção. Esta foi outra tarefa que me permitiu ficar ainda mais familiarizada com a coleção. Como não tinha o curso de desenho

arqueológico, tive uma breve formação com os desenhadores do Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde, adquirindo, desta forma, mais uma competência.

Inicialmente aprendi a fazer o desenho à “mão” e depois utilizando o programa informático Illustrator, programa utilizado pelos desenhadores hoje em dia para facilitar a tarefa. Fazer um desenho através deste programa informático, consiste em abrir uma foto do objeto com escala e fazer coincidir uma escala no programa, para que o desenho fique à escala real. De seguida, joga-se com as camadas, desenhando por cima da foto. Podemos definir a grossura do traço, para fazer jogo de sombras, e até mesmo utilizar cores. O desenho é constituído pela vista de frente, vista de lado e pela secção.

Este tipo de desenhos é, na minha opinião, uma mais-valia tanto para o Museu como para o público em caso de exposição, razão pela qual aceitei este desafio. A intenção foi desenhar alguns exemplares de cada tipologia, pois não teria tempo – nem seria lógico por demasiado repetitivo – desenhar todos os exemplares. Neste contexto, desenhei algumas das peças circulares, ovais, piramidais, hexagonais, entre outras que podem ser encontradas no apêndice D.

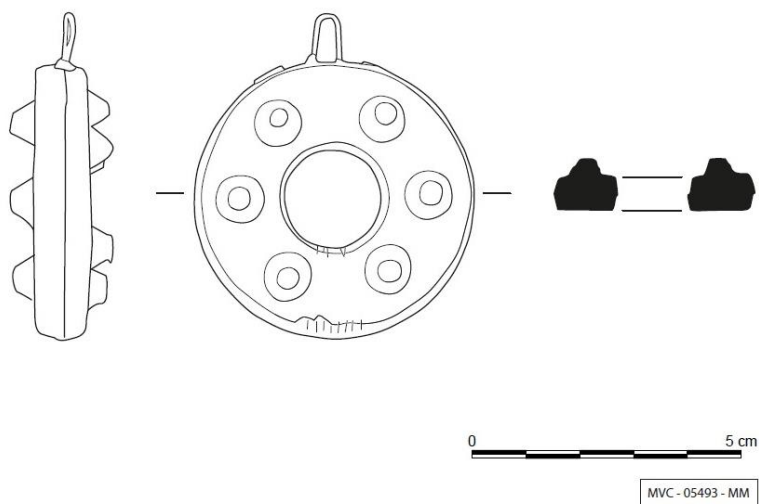


Fig.6 Desenho MVC-05493-MM

Como referi anteriormente, para além da parte técnica do estudo da cultura material, interessava-me a interpretação e o significado, de forma a se construir o processo de constituição da coleção. Saber como as pessoas utilizaram os objetos e como o seu uso difere ao longo do tempo, ou como o aspeto dos objetos pode ser relacionado com as ideias e valores dos utilizadores, são questões que acho pertinente tentar responder. A pesquisa orientada neste sentido revelou que ainda hoje se utilizam chumbadas idênticas às da coleção. Pude compreender também que havia nas chumbadas inscrições alfabéticas que são, por exemplo, um indicador de propriedade por parte do pescador, revelando um dos aspetos centrais do mundo da pesca: os pescadores marcam os seus materiais para que não sejam trocados pelo parceiro do lado e como forma de identificar a sua propriedade¹². O significado, por sua vez, pode variar de pessoa para pessoa ou em relação com outros objetos.

2.4. Alexis Passechnikoff

A coleção foi constituída entre 1970 e 1980 e doada ao Museu do Mar em 1990. A pessoa que a constituiu tem uma história de vida com alguns pontos curiosos: nasceu na Bélgica em 1945 de pai russo e mãe belga, mas cujos avós paternos viviam na Manchúria.

No mesmo ano do nascimento de Alexis Passechnikoff, a fábrica de curtumes onde o pai trabalhava entra em recessão e neste contexto a família procura trabalho noutros países. Em 1954 é colocado como engenheiro químico na fábrica de curtumes Paulo da Silva Ranito em S. Mamede em Festa, onde exerceu atividade até à sua reforma. A mãe Olga sempre foi doméstica. Foi assim que Alexis acompanhou os seus pais para Portugal, na tenra idade de nove anos. “Eu, em 1954, tinha nove anos e o meu percurso foi o de qualquer jovem dessa altura” (Passechnikoff, 2016). Viveram no Porto, local onde Alexis estudou sem terminar o liceu e iniciou a sua carreira profissional como funcionário no Banco Português do Atlântico, onde trabalhou 35 anos até à sua reforma.

¹² A título de curiosidade, no anterior estudo da coleção das artes de pesca conclui que os pescadores marcavam os seus utensílios com marcas próprias de cada família, quase como um brasão de família. Na Póvoa de Varzim existe até um mural com as várias marcas poveiras. No entanto, até ao momento não pôde ser confirmado se as inscrições nas chumbadas indicavam famílias específicas de proprietários.

Logo nos primeiros contactos via e-mail com Passechnikoff procurei informações gerais sobre a coleção. Quando questionado acerca das suas primeiras coleções e do momento em que percebeu que estava a constituir uma coleção no verdadeiro sentido da palavra, Passechnikoff conta que até aos nove anos de idade não se lembra de efetuar alguma coleção. Já em Portugal, com 15 anos de idade, colecionou moedas, continuou a coleção de selos do pai, fez coleção de catos, minerais e fósseis “e alguns ajuntamentos sem qualquer ideia de coleção” (Passechnikoff, 2016). Destas coleções, a única que perdeu foi a de minerais e fósseis que continuou até há uns dez anos atrás. Alexis Passechnikoff relembra que para os fósseis ia para a Serra de Santa Justa em Valongo, à procura das trilobites e para os fósseis de vegetais, ia pesquisar para a zona das antigas minas de carvão de S. Pedro da Cova.

Foi nesta altura que começou outra das suas primeiras coleções, a de filumenismo, graças a alguns exemplares que tinha apanhado no chão na Bélgica e na cidade do Porto. “Nos anos 1960, surgiram algumas exposições de etiquetas de fósforos, onde comecei a ficar infetado pelo vírus desse colecionismo a sério” (Passechnikoff, 2016). Alexis Passechnikoff conta que teve vários correspondentes, sobretudo na antiga URSS e países limítrofes, para onde enviava exemplares do nosso país em troca dos deles. Foi assim que começou a entrar no mundo do colecionismo, fazendo trocas com outros colecionadores e aprendendo formas de enriquecer a coleção: “Aqui, relacionava-me com alguns colecionadores e comerciantes do ramo, onde efetuava trocas e compras. Também uma fonte de enriquecimento da coleção, era pela aquisição dos espólios das viúvas dos colecionadores!” (Passechnikoff, 2016).

Esta coleção de filumenismo reunia etiquetas de caixas de fósforos, cujos exemplares pertenciam a séries que normalmente eram numeradas. Neste contexto, era obrigatório que a coleção tivesse todos os exemplares de uma série, para que não desvalorizasse monetariamente. Da coleção de fósforos surgiu a tendência para a sistematização.

Nos anos de 1980, o foco de Passechnikoff muda para as coleções que considera “etnográficas” e, nesta sequência, a coleção de etiquetas de fósforos da URSS acabará por ser vendida em 2007.

Atendendo à sua veia colecionista precoce, mas não direcionada para o mar, surge a questão: afinal o que motivou Alexis Passechnikoff a colecionar objetos relacionados com o mar, nomeadamente as chumbadas. Desde pequeno que Passechnikoff acompanhava os pais à praia, quando estava bom tempo no fim-de-semana, sendo aí que aprendeu a nadar “nas águas frias e revoltas da costa norte” (Passechnikoff, 2016). Mais tarde também se tornou mergulhador e pescador submarino. Alexis Passechnikoff conta que nessas incursões, já nos anos de 1970, se deparava com chumbadas perdidas pelos pescadores à cana e começou a recolher por curiosidade, “introduzindo-as no fato de borracha, na zona do peito”. Estes exemplares tornaram-se o embrião da futura coleção. Passechnikoff especifica que na coleção de chumbadas, optou conscientemente por tornar exaustiva a recolha dos exemplares, incluindo vários tipos para além dos de chumbo. Verifica-se, contudo, que para lá da reunião de múltiplos exemplares, não é possível identificar qualquer classificação ou sistemática.

Posteriormente, durante as pesquisas de Passechnikoff junto dos pescadores à cana da zona norte do país, informaram-no que em Labruge (Vila do Conde) existiam dois pescadores que recolhiam, durante a maré baixa, as chumbadas que ficavam presas e perdidas depois dos concursos de pesca à cana. Estes pescadores, vendiam as chumbadas a peso, tendo um baú com mais de 500kg. Foi com estes pescadores que Alexis Passechnikoff adquiriu muitos exemplares, ao preço do chumbo, fazendo aumentar a coleção através deste meio prático e pouco dispendioso. Passechnikoff manteve o contacto com estes dois pescadores, conhecendo muitas das suas peripécias na recolha de chumbadas.

Também procedeu à recolha de exemplares junto dos pescadores de Vila-Chã, Mindelo, Angeiras, enfim, por toda a costa portuguesa, o que lhe permitiu entrar em contacto com os homens do mar de vários locais. Já pelos anos de 1985, visitava as lojas de artigos de pesca em várias localidades, como Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Porto, Aveiro, Nazaré, Peniche, Setúbal, onde adquiria também os exemplares usados nessas zonas.

Em 1981 chegou mesmo a participar com a coleção das chumbadas na exposição já referida: Expocêntrica⁸¹. Esta exposição realizou-se na cidade do Porto, mais

concretamente na Foz do Douro entre 4 a 12 de Abril, e tinha como objetivo expor coleções excêntricas ou como diz no seu folheto “(...) é dada ao público visitante a possibilidade de penetrar, pela porta principal, no “estranho” mundo dos colecionadores”. Este folheto, a que tive acesso, pertence a Alexis Passechnikoff que prontamente mo disponibilizou. O conhecimento deste evento permitiu-me contemplar o lado excêntrico da coleção que tinha em mãos.

Analisando o colecionismo de Alexis Passechnikoff podemos afirmar que as suas coleções são de tipo fetichista (Pearce, 1994). Trata-se de um colecionador obsessivo, que quer sempre adquirir mais objetos e cujas tendências de acumulação só termina com a sua morte, com a falência ou com uma mudança de interesse. Estas coleções podem ser muito privadas, mas por vezes o colecionador debate-se com o dilema da necessidade de manter a coleção privada e a vontade de a mostrar.

A coleção de chumbadas foi doada em 1990 ao Museu do Mar, como conta Passechnikoff, “Em 1990, aquando de uma mudança de residência, e por manifesta falta de espaço, resolvi doá-la ao meu Amigo Sr. Vila Cova”. António Ferreira Vila Cova era o proprietário do Museu do Mar, de Caxinas. Foi durante uma das suas pesquisas que lhe falei de António Vila Cova como sendo, também ele um colecionador. “Combinei com ele uma visita (anos 90), e, num anexo da sua casa, tinha muitos exemplares diversificados ligados às pescas. A partir daí, tornámo-nos muito próximos, na troca de informações, troca de exemplares e ofertas da minha parte” (Passechnikoff, 2016). Doou, junto com a coleção, uma estante e foi o próprio que colocou as chumbadas nas prateleiras.

Alexis Passechnikoff é um colecionador nato que parece ter consciência da importância do ato de colecionar: “(...) colecionar é uma das formas de manter presente o passado e, sobretudo, transmitir às gerações vindouras a sequência evolutiva e a ordem de determinados objetos” (Passechnikoff, Alexis).

Alexis Passechnikoff tornou-se um colecionador muito bem-sucedido e conhecido no meio da etnografia marítima. Ainda em Matosinhos, o Sr. Delfim Nora, pescador pertencente ao NASPEMAT e por mim entrevistado, relembra, nas suas palavras “o seu bom amigo Alexis Passechnikoff e as suas coleções fantásticas”. Alexis Passechnikoff considera que o seu sucesso “adveio da tenacidade, espírito de sacrifício e força de

vontade. Para além disso, é necessário ter sentido estético, ser organizado e ter apetência para trocas”, o que Passechnikoff provou ter através das coleções que constituiu.

Alexis Passechnikoff efetuou várias coleções ao longo da sua vida, desde agulhas de marear, figas de embarcações da pesca costeira, relógios de sol portáteis, peças usadas na pesca do pilado, chumbadas, zagais, e muitas mais. Será que deu alguma coleção por terminada? A resposta, talvez até óbvia, é que não. “As coleções nunca têm fim” (Passechnikoff, 2016). Segundo o colecionador, nas coleções consegue-se, a partir dos catálogos, determinar os exemplares em falta. Essas terão um carácter sistemático. No entanto, mesmos nessas coleções, como estão sempre a surgir novas edições e emissões, torna-se difícil de gerir a nível financeiro e na aquisição de materiais de apoio. Note-se que apesar de possuir uma ânsia colecionista, as suas possibilidades financeiras de Passechnikoff seriam relativamente limitadas.

O estilo de vida de um colecionador tem, como qualquer outro, as suas vantagens e desvantagens. Refere que ser colecionador lhe proporcionou um maior sentido de organização e método, assim como a oportunidade de realizar pesquisas exaustivas em vários organismos. Outra vantagem traduz-se nas viagens por todo o país, “nomeadamente pela orla costeira, que me permitiu conhecer com mais pormenor várias cidade e vilas do país; se não fossem as coleções, nunca as teria visitado” (Passechnikoff, 2016). A troca de informações e partilha de dados com outros colecionadores e museus, acaba por se refletir no aumento de relações pessoais, ocasionando muitos amigos em várias zonas do país. Passechnikoff (Alexis) também contempla a valorização das peças devido à sua inserção em conjuntos distintos e o descrever e dar a conhecer patrimónios descobertos. A última vantagem que refere é típica dos colecionadores: a felicidade e prazer aquando da obtenção de algum novo exemplar.

Entre as desvantagens de ser colecionador encontram-se, por exemplo, o sentimento de inveja por parte de outros colecionadores e museus. Afinal estamos a falar de um meio competitivo. Colecionar torna-se uma obsessão difícil de controlar e conduz à invenção e imaginação de várias hipóteses para convencer os proprietários dos exemplares desejados a trocá-los ou vendê-los. Financeiramente significa gastos nas viagens e na aquisição de exemplares. Para além disso, é necessária uma gestão: gestão

de sentimentos em relação à alienação de alguma coleção ou várias e gestão do espaço (ou falta dele) para expor as coleções. Coleccionar significa, também, gastar tempo na aquisição de exemplares e na sua manutenção em casa.

Nos dias de hoje, Alexis Passechnikoff vive em Lisboa e teve de vender grande parte das suas coleções por falta de espaço. Continua ativo no meio, com as suas investigações, tendo sido recentemente entrevistado devido à sua coleção de relógios de sol portáteis de madeira.



Fig.7 Alexis Passechnikoff

Fonte: <http://estacaochronographica.blogspot.pt/2017/03/anuario-relogios-canetas-2017-alexis.html>

2.5. Conservação Preventiva

Depois de limpa, fotografada, inventariada e desenhada, importava também assegurar as medidas mínimas de conservação da coleção de chumbadas de Alexis Passechnikoff depositada no Museu de Vila do Conde.

“(...) uma questão de gestão multidisciplinar, como um conjunto de atitudes que visam a previsão, avaliação e gestão dos problemas, evitando ou minimizando a degradação e perda de objetos e dos edifícios, pressupõe, ao contrário do que é vulgar pensar-se, uma investigação científica profunda e interdisciplinar” (Homem, 2004: 100)

Podemos afirmar que a conservação é uma função fundamental no contexto museológico. Podemos mesmo dizer que é uma função museológica obrigatória prevista pela Lei-Quadro de 2004. Segundo o artigo 27º da Lei-Quadro de 2004, o museu tem o dever de conservar: “O museu conserva todos os bens culturais nele incorporado” e “O museu garante as condições adequadas e promove as medidas preventivas necessárias à conservação dos bens culturais nele incorporado”. O artigo 28º assegura as normas de conservação, sendo estipulado na alínea 1) que “A conservação dos bens culturais incorporados obedece a normas e procedimentos de conservação preventiva elaborados por cada museu”. O artigo 29º estipula as várias condições de conservação, devendo abranger “(...) todo o acervo de bens culturais, independentemente da sua localização no museu”. O artigo 30º contempla, por sua vez, a conservação e reservas e o artigo 31º as intervenções de conservação e restauro.

Tendo em mente este enquadramento legislativo, sobre a coleção de chumbadas tomaram-se as medidas possíveis para prevenir e gerir os riscos que a podiam ameaçar. Tendo em conta que a coleção se encontrava guardada e nunca tinha sido examinada por um técnico, os objetos mostravam as consequências do passar do tempo e dos agentes aos quais tinham sido expostos. As chumbadas denotavam corrosão, nomeadamente as de ferro. As de chumbo possuíam uma camada branca, típica das ações de agentes nocivos. Com este panorama, foi necessária uma intervenção da técnica responsável pela conservação e restauro do Museu de Vila do Conde. No caso das chumbadas de ferro, esta intervenção consistiu numa limpeza mecânica com jato abrasivo, numa estabilização com neutra rust e na aplicação de cera de abelha. Já no caso das chumbadas em chumbo, foi feita uma limpeza mecânica com jato de ar comprimido e depois formou-se uma película protetora com cera microcristalina. A minha participação nesta etapa não foi interventiva, tendo meramente observado a sua realização.

“Normalmente não é necessário limpar o chumbo «marinho», uma vez que as incrustações na superfície raramente obscurecem” (Cronyn, 1990: 207). Foi nesta linha de pensamento que o objetivo da limpeza foi apenas eliminar os elementos que prejudicassem o objeto, deixando o que não constituiria perigo. Isto é, a intenção não era alterar o aspeto geral das chumbadas a um nível que ficassem irreconhecíveis. As chumbadas foram utilizadas no mar e o objetivo era que se notasse.

Após a estabilização dos exemplares, foram revistas as marcações e recolocadas as etiquetas que faltavam. Este passo fez-me refletir e chegar à conclusão de que teria sido melhor ter feito a limpeza primeiro, para que não fosse preciso refazer as marcações.

A chave para a conservação de metais é um ambiente controlado, pelo que se prosseguiu para a etapa do acondicionamento da coleção. As chumbadas foram colocadas em placas de polietileno, separando os objetos de ferro dos objetos de chumbo (por uma questão de conservação dos materiais). Nas placas foram moldadas as formas de cada chumbada, colocaram-se etiquetas com o número de inventário e com a tipologia do grupo. No final, as placas foram colocadas em caixas herméticas, como Cronyn (1990) prevê: “(...) guardar os artefactos, depois de secos, em caixas seladas de polipropileno (...)” (Cronyn, 1990: 208).



Fig.8 Foto de uma placa

Posteriormente, as informações sobre a intervenção feita à coleção foram submetidas no programa In Arte. Foram preenchidas as fichas de conservação para cada chumbada, englobando campos como a data de intervenção, os intervenientes, a descrição da intervenção e as condições especiais que deverão ser tidas em conta no futuro. Relativamente às condições especiais constam informações como a temperatura e humidade relativa ideais, a indicação de que o manuseamento deverá ser feito sempre com luvas e uma indicação sobre a necessidade de evitar o contacto do chumbo com madeira, devido à libertação de ácidos orgânicos por esta, que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto.

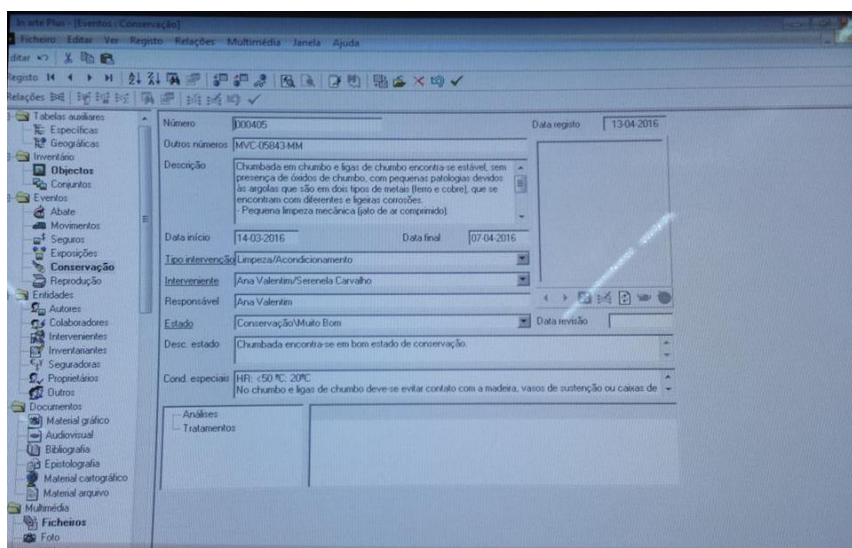


Fig.9 Ficha de conservação no In Arte

Este estudo permitiu-me adquirir competências que de outra forma não conseguiria e permitiu, também, que o Museu de Vila do Conde ficasse com uma coleção estudada, inventariada e acondicionada.

Capítulo 3 – Estágio no Museu de Vila do Conde

No âmbito do curso de Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, optei pela realização de Estágio em instituição museológica como forma de poder beneficiar de uma experiência de prática museológica mais efetiva. Obtive disponibilidade para me receber por parte do Museu de Vila do Conde. Importava também que o meu Estágio na instituição correspondesse às suas necessidades e expectativas. Foi assim que cheguei à coleção de chumbadas de Alexis Passechnikoff. O Museu precisava que ela fosse estudada e inventariada. Torna-se pertinente referir que o primeiro contato com esta instituição já tinha sido estabelecido durante o primeiro ano de mestrado, no âmbito da unidade curricular de Estudo e Gestão de Coleções, para a qual procedi ao estudo de uma coleção marítima de artes de pesca.

O Museu de Vila do Conde localiza-se no Largo de S. Sebastião, no espaço denominado e conhecido como Centro de Memória, e junta as valências do Arquivo Municipal, Gabinete de Arqueologia e Núcleo Central do Museu de Vila do Conde. O M.V.C. resulta de um projeto de renovação do edifício já existente, o Solar de S. Sebastião, e da criação de dois novos corpos. A exposição permanente aqui localizada: “Vila do Conde: Tempo e Território” conta com 19 salas sobre o concelho de Vila do Conde e as suas gentes, transportando o visitante numa viagem que tem início no período pré-histórico até ao presente.

O edifício localizado no Largo S. Sebastião é constituído por três pisos (plantas em anexo). O piso -1 engloba as reservas, a caixa-forte e o laboratório de conservação e restauro. O piso 0 conta com a receção, uma sala dedicada a exposições temporárias, o espaço internet e a cafetaria. Por fim, no piso 1 encontra-se a sala de consulta do Arquivo Municipal, uma sala dedicada a exposições e os gabinetes de trabalho. A exposição permanente anteriormente referida ocupa um espaço que se estende pelos pisos 0 e 1.

3.1. Museu do Mar de Vila do Conde

“O meu pai foi sempre um sonhador. Conheci-o sempre a falar da sua terra e das suas gentes – gentes do mar.” (Cova, Luísa 2017)

Para melhor contextualizar o meu Estágio no Museu de Vila do Conde, bem como a atribuição do estudo da coleção de chumbadas como a principal tarefa desse Estágio, é útil que aborde, ainda que brevemente, a história do Museu do Mar de Vila do Conde. Para falar desta instituição museológica tenho de referir o seu fundador, António Ferreira Vila Cova, e fazer notar que se tratou de um destacado membro da comunidade local. Devido ao seu amor pelo mar, António Vila Cova foi colecionando ao longo dos anos vários objetos relacionados com a comunidade piscatória. A maior parte das suas coleções foram reunidas entre os anos de 1971 a 1991 e estavam guardadas em armazéns seus e também em sua casa, constituindo-se como coleções particulares.

Após ter apresentado uma exposição ao público, em 1985, nos Bombeiros Voluntários de Vila do Conde, António Vila Cova começou a tentar concretizar o seu sonho de criar um museu. De acordo com a filha, visitava museus sempre que podia, passava horas em bibliotecas e conversava com os pescadores. Seria ainda um homem muito metódico e organizado, sendo isso que lhe permitiu chegar à constituição do museu.

Com essa intenção, a 8 de maio de 1989, fundou uma Associação denominada Associação do Museu do Mar de Caxinas. O seu fundador solicitou à Direção Geral dos Portos a concessão de um terreno, sendo o pedido bem-sucedido. No entanto, a construção seria demorada devido à necessidade de pareceres de várias entidades. Por esse motivo, António Vila Cova mandou construir um edifício com a área de 650m² para resguardar as suas coleções, e, onde, portanto, o “museu” seria instalado provisoriamente.

“Entusiasmava-se facilmente, transmitindo aos outros a alegria que ia sentindo, à medida que o sonho ia crescendo” (Cova, Luísa 2017)

Desta forma, a 8 de dezembro de 1991 foi inaugurado o dito Museu do Mar nas suas instalações provisórias. Como registado pelo próprio António Vila Cova num dos seus livros: “Pelo Sr. Ministro do Mar foi inaugurado o Museu do Mar, que se encontra instalado provisoriamente num edifício mandado construir por mim, sem qualquer pagamento de ocupação. (...) Na mesma data, foi feito o lançamento da primeira pedra, para a edificação do novo Museu” (A. Cova, 1995).



Fig.10 Preparativos para o lançamento da 1ª pedra do Museu do Mar, vendo-se envolvidos o Eng.º Mário Almeida, Padre Domingos, Ministro do Mar, e António Vila Cova.

O armazém provisório ficava situado em frente à escola primária de Caxinas, na parte norte da Avenida Cidade Guimarães. O evento foi noticiado pelo Jornal de Vila do Conde a 12 de dezembro de 1991, que dava destaque ao Museu através do seguinte título: “Museu do Mar engrandece Caxinas” no Anexo 1. A notícia conta-nos que se tratou de uma cerimónia “simples, mas carregada de significado (...)” (Reis, 1991:1) e que o primeiro ato consistiu “na inauguração do museu provisório pelo Sr. Ministro do Mar, tendo as instalações sido benzidas pelo Reverendo Padre Domingos”. Neste mesmo

evento foi feito o lançamento da primeira pedra das futuras instalações do Museu do Mar a construir a sul da Guarda Fiscal, tendo o projeto sido elaborado pela Direção-Geral dos Portos.

Sobre os acontecimentos, a notícia relata que durante a sessão Paroquial feita no Salão Paroquial, António Ferreira Vila Cova afirmou “estar a viver a concretização de um sonho, sentindo-se feliz por ter corporizado algo que impôs a si próprio e, que para além de preservar apetrechos e equipamentos marítimos importantes, vai ser fundamental para perpetuar velhos «lobos do mar» que bem o mereceram pela forma como se comportaram nas águas e em terra” (Reis, 1991:1).

Todos parecem reconhecer o empenho e trabalho dedicado de António Vila Cova. Um seu irmão faz referência a este feito no seu livro: “Nas suas instalações, com uma área de 650 metros quadrados, estava o resultado de uma morosa e perseverante recolha, pela qual me senti muito orgulhoso, pois ali também estava retratado, a ajuda, o trabalho e empenho que também eu dediquei a esta obra” (A. Cova, 2008).

O edifício provisório permaneceu desempenhando a sua função até 1998, data em que António F. Vila Cova doou o seu acervo à Câmara Municipal de Vila do Conde, por falta de condições nesse armazém. Assim sendo, as coleções foram depositadas numa sala da Biblioteca Municipal José régio, que na altura ainda estava em construção. O acervo ficou ali até 2008, ano em que foi transferido para a reserva do Museu de Vila do Conde, onde permanece até aos dias de hoje. O edifício que tinha sido projetado para as instalações definitivas do Museu do Mar nunca se concretizou, apesar de ainda hoje se falar no assunto.

A filha relembra que António F. Vila Cova “queria que aquele cantinho de Vila do Conde fosse conhecido e, se possível, lembrado”. É uma pena que, apesar do entusiasmo e reconhecimento do trabalho deste colecionador, não tivesse havido fundos para colocar em prática o projeto do Museu do Mar. As suas coleções apenas podem ser visitadas quando o Museu de Vila do Conde abre as reservas ao público, mas elas podiam ser dignas de serem vistas todo o ano. As coleções provenientes desse projeto de Museu do Mar permanecem não estudadas. Percebe-se assim o interesse do Museu de Vila do

Conde em atribuir como tarefa de um Estágio de uma estudante de Museologia o estudo de uma das suas coleções.

3.1.1. O fundador: António Ferreira Vila Cova



“Nas Caxinas há um homem bem conhecido de todos – António Ferreira Vila Cova. Descendente de velhos lobos do Mar, o Sr. António Ferreira Vila Cova ganhou ou já nasceu com ele uma entusiástica afeição pelos pescadores e pelas coisas do Mar. Ele é para os pescadores um homem grande. Vila Cova é um nome que todo o caxineiro conhece e estima, é um nome que significa amor ao homem do Mar, que traduz bondade, que inspira confiança. (...)” (A. Cova, 1995).

Fig.11 António F. Vila Cova

Como forma de contextualizar o próprio projeto do Museu do Mar é pertinente fornecer alguns dados sobre o seu fundador e principal promotor. António Ferreira Vila Cova nasceu a 16 de setembro de 1917, em Caxinas, Vila do Conde. Começou por ser uma criança com acesso à instrução, tendo entrado para a escola em 1926 e feito o exame da 4ª classe em 1930. Como ele próprio conta na sua autobiografia, foi “(...) o primeiro aluno das Caxinas e Poça da Barca a fazer o exame da 4ª classe” (A. Cova, 1995: 10). Em 1936 concluiu o 5º ano do liceu e no ano seguinte, com 20 anos, casou-se. Em 1938 começou a trabalhar na Câmara Municipal de Vila do Conde como escrivão de execuções fiscais e, em 1939, foi escolhido para ser escrivão na Repartição das Finanças em Vila do Conde. Já em 1940 concorreu a aspirante de finanças, cargo para o qual foi admitido, mas devido aos efeitos da II Grande Guerra Mundial tudo ficou em pausa, apenas iniciando o

seu cargo em 1943. No ano seguinte, foi contratado como Aspirante do Quadro da Direção Geral das Contribuições e Impostos. Chegados a este ponto já se percebe que António Vila Cova sobressai num mar de pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade. Estudou e trabalhou para construir uma carreira sólida, não deixando de pensar nas suas gentes, como verificaremos de seguida. Publicou uma autobiografia e uma monografia cujo título é “Caxinas terra do meu coração”.

Em 1964, começou a trabalhar nas Caxinas e, nesse mesmo ano, apresentou um requerimento à Câmara Municipal de Vila do Conde a pedir a aprovação de um loteamento num terreno que lá possuía e no qual se propunha construir 22 casas que levariam pela primeira vez água, luz e saneamento à localidade. O requerimento foi aprovado e as casas foram vendidas por custos baixos e sem juros. Começava, assim, a conhecer-se a bondade de António Vila Cova. No ano seguinte, ofereceu uma instalação sonora para a Igreja de Caxinas. Mais casas foram construídas e vendidas aos pescadores por preços muito baixos e com a facilidade de poderem pagar quando pudessem. Continuou a ajudar monetariamente a Paróquia e, em 1966, a comunidade prestou-lhe homenagem ao inaugurar a Rua António Ferreira Vila Cova. Este benemérito local é, então, um elemento da administração pública local donde lhe advém relativo poder que as gentes locais reconhecem e agradecem. Ao mesmo tempo, ele é um erudito local, com uma perspetiva a que se pode chamar “folclorista” sobre as tradições locais. Era um personagem como existiram muitos outros no país ao longo do século XX, nomeadamente em localidades pequenas e ainda nada ou pouco industrializadas, mas que iam sentindo a mudança dos tempos.

O seu amor pelo tema do mar ficou evidente quando, na Feira das Colheitas que se realizava todos os anos em setembro, idealizou um desfile de divulgação da faina e do mar e o conseguiu realizar. Até então apenas eram mostradas as cenas de terra. Em 1971 foi honrado ao receber a medalha de prata de filantropia e caridade.

António Vila Cova, como podemos concluir a partir do seu percurso, era, portanto, uma pessoa extremamente dedicada e focada em Vila do Conde e, sobretudo nas Caxinas. Investiu na sua comunidade de todas as formas que conseguiu e transformou para sempre Caxinas. Ainda hoje é recordado, pelo que me bastou conversar alguns minutos com os

Caxineiros para que eventualmente surgisse o seu nome. A sua paixão pelas gentes do mar é evidente, não só pelos esforços dedicados à criação do Museu do Mar, como também pela ajuda que deu aos homens do mar e suas famílias.

“Como todos os caxineiros sinto nas veias o pulsar das altas ondas do mar” (A. Cova, 1992: pag.5)¹³

Com 57 anos aquando do 25 de abril, parece que terá conseguido manter igual dedicação à terra e manter a reputação de filantropo, já que quando morre, em 2000, o Jornal de Vila do Conde noticia o acontecimento, reservando um lugar para enaltecer a personalidade que tanto fez pela sua terra, nomeando os seus feitos e deixando uma última mensagem: “Para além da sua Família, António Ferreira Vila Cova deixa as maiores saudades, muito particularmente nas mais humildes gentes de Caxinas e Poça da Barca, a Terra do seu coração, como registou numa das obras que publicou e que é a mais importante monografia sobre a nossa comunidade piscatória” (Reis, 2000: 7). Note-se que sendo alguém que foi uma referência local durante todo o Estado Novo, permanece querido depois do 25 de abril e até à sua morte.

3.1.2. Coleções

As coleções formadas por António Vila Cova e hoje depositadas nas reservas do Museu de Vila do Conde são fruto de um longo e dedicado percurso de coleta e investimento por parte de um erudito local apaixonado pelo “povo” e pelo mar. Como tal, as coleções do que deveria ter sido o Museu do Mar englobam um acervo diversificado sobre a vida das gentes do mar: redes de pesca, miniaturas de armações, boias, anzóis, linhas de pesca, bússolas, faróis, documentos antigos, fotografias, trajes, mobília típica da casa dos pescadores, quadros com fotografias, mapas e muitos outros objetos. De certo modo, pode-se dizer que também seriam coleções de tipo fetichista ainda que sempre

¹³ Anexo 2

sobre a temática marítima. Curiosamente ou talvez não, só existem “objetos” e pouco ou nada sobre o seu uso, produção ou informação sociocultural.

Segundo o inventário feito em 1999 por António Ponte, existem 1265 objetos no total. Este inventário encontra-se em formato de papel e foi realizado na sequência da mudança de instalações do que foi o armazém provisório do Museu do Mar para o Museu de Vila do Conde. Na listagem encontra-se a denominação dos objetos e o número da caixa em que estão guardados. Era numa destas caixas que se encontrava a coleção de chumbadas doada por Alexis Passechnikoff que me foi proposta como principal tarefa do meu Estágio. As chumbadas estavam divididas em 13 sacos de plástico, sendo que esta divisão já remetia para algum agrupamento tipológico. Mas relacionado com a coleção de chumbadas havia apenas o livro escrito por Alexis Passechnikoff e publicado com o título “A agulha de marear no imaginário de Francisco Manuel Pinheiro 1867-1946 e Eduardo Francisco Pinheiro 1908-1978”.

Distribuídas por duas salas das reservas do Museu de Vila do Conde, as coleções provenientes do Museu do Mar continuam encaixotadas, cabendo ao investigador e ao público que visita as reservas em ocasiões particulares imaginarem como poderiam ser expostas. Para uma experiência mais “real” só existem as fotografias tiradas no antigo armazém que constituiu as instalações provisórias do Museu do Mar.

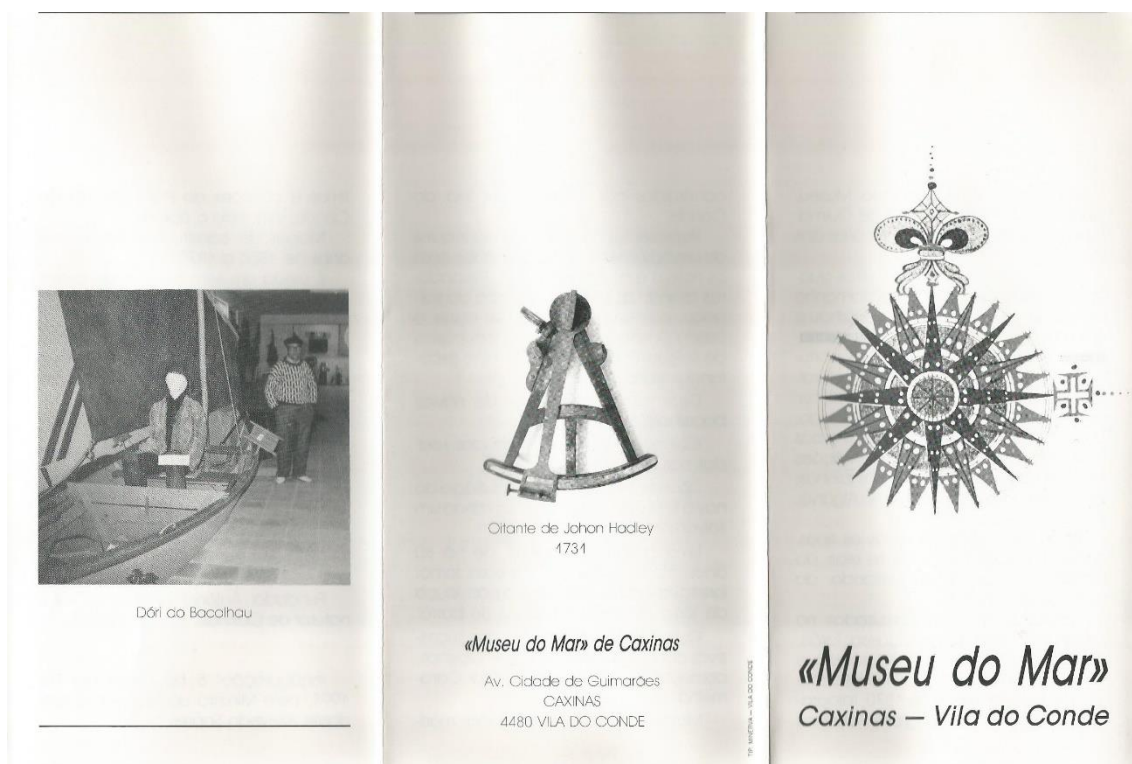


Fig.12 Folheto do antigo Museu do Mar

3.2. Outras atividades desenvolvidas durante o Estágio no MVC

Esclarecido o contexto de realização do Estágio e reconstituída a história e o percurso dos materiais depositados no Museu de Vila do Conde e que permanecem sem serem estudados, devo agora descrever a multiplicidade de tarefas que desempenhei para além do estudo da coleção de chumbadas de Alexis Passechnikoff.

O Estágio realizado decorreu durante 5 meses, do dia 3 de novembro de 2015 ao dia 8 de abril de 2016. O tempo de Estágio foi dividido entre o Museu de Vila do Conde e o Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde. Apesar do foco do Estágio ser o estudo da coleção de chumbadas, era de meu interesse experienciar outras áreas do Museu, assunto abordado no protocolo de Estágio e combinado com a Dra. Ivone Pereira como representante da instituição e supervisora do Estágio. Neste contexto, auxiliei na

montagem e desmontagem de exposições e participei numa atividade de Serviços Educativos, nomeadamente numa das Oficinas de Natal.

Foram-me dadas as condições necessárias para desenvolver a minha pesquisa de estudo da coleção, bem como o trabalho prático, como demonstrarei de seguida. Tive acesso aos meios necessários e a uma supervisão sempre que precisei de ajuda. Nas próximas secções serão descritas as tarefas realizadas no âmbito do Estágio, que estão divididas de acordo com a sua ligação à coleção e às restantes atividades museológicas. Isto porque se pretende que este Relatório englobe o estudo de uma coleção dentro de um Estágio.

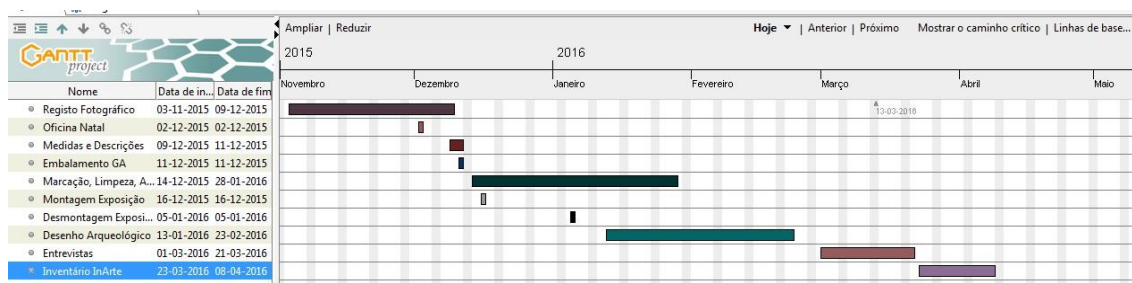


Fig.13 Diagrama com as atividades desenvolvidas em estágio

Como se vê no diagrama (que se encontra em ponto maior no apêndice F), fui intercalando o estudo da coleção com outras tarefas, como era meu objetivo e da instituição.

3.2.1. Montagem de Desmontagem de Exposições

No decorrer do Estágio participei na desmontagem da exposição temporária de pintura, realizada em novembro de 2015, no Teatro Municipal de Vila do Conde. A minha tarefa consistiu no acondicionamento dos quadros e na sua deslocação para uma sala onde foram guardados até serem devolvidos. Tratou-se de uma tarefa que me permitiu ter uma maior consciência sobre a importância de saber manusear objetos vulneráveis e sobre a importância de um bom acondicionamento.

Também participei na montagem da exposição “Multiplicidades de Jesus”, inaugurada em dezembro de 2015, na Casa Museu José Régio. Esta exposição sobre o imaginário religioso recorreu à produção literária, plástica e à coleção de arte sacra de José Régio, tendo como tema central a personalidade humana de Jesus Cristo e a atração que esta sempre exerceu sobre José Régio. Durante a organização da exposição foi feita uma recolha de objetos na Casa Museu José Régio, atividade na qual prestei colaboração. (auxiliei). Para além disso, auxiliei no transporte dos objetos para a sala de exposição e na preparação dos suportes expositivos onde iriam ser colocados os objetos. Esta atividade permitiu-me ter consciência da importância da organização do espaço no contexto expositivo, para que o trajeto do visitante complementasse a narrativa da exposição.

3.2.2. Serviços Educativos

“Através das suas coleções e programas de comunicação e investigação, os museus contribuem para o enriquecimento da experiência humana, estimulando a nossa curiosidade, alargando a nossa base de conhecimentos e constituindo-se como lugares privilegiados de descoberta da memória coletiva e de criatividade” (Semedo, 2005).

É numa atmosfera de descoberta e criatividade que se inserem os serviços educativos do Museu de Vila do Conde. As atividades do Estágio estenderam-se por vários espaços, visto que a equipa do Museu dá apoio às instituições próximas. Neste sentido, no âmbito dos serviços educativos, participei na oficina de Natal “Vem decorar a árvore de Natal do Museu”, realizada no Museu das Rendas de Bilros. Esta oficina destinava-se aos alunos com necessidades especiais de escolas das freguesias próximas. Estiveram presentes as responsáveis pelos serviços educativos, Ana Serrão e Manuela Pereira e as professoras dos alunos.

Como ponto de partida foi feita uma visita guiada ao Museu, para que os alunos se familiarizassem com o mundo das rendas de bilros e conseguissem entrar no espírito

da oficina. Foi dada uma atenção especial à maior rede de bilros exposta no centro do Museu, obra da Joana de Vasconcelos, servindo esta de base para colocar questões ao grupo. “Durante o breve tempo que os alunos se juntam para uma visita de grupo, os mediadores do museu têm a oportunidade de criar uma cultura de pensamento: um espaço onde o pensamento em grupo, assim como o pensamento individual são valorizados, tornando visíveis e ativamente promovidos como parte da experiência de todos os membros do grupo” (Ritchhart: 1). Pude observar como isso se efetivou, resultando num grupo animado e interessado. Esta visita guiada revelou-se uma parte importante da atividade, na medida em que, através do processo de mediação, se conseguiu que o grupo de alunos ficasse envolvido e preparado para a segunda parte da atividade.

Na segunda parte, os alunos foram encaminhados para a sala de serviços educativos. A sala havia sido anteriormente preparada, tarefa na qual auxiliei: juntamos as mesas e distribuímos os materiais pelas mesmas. A oficina consistiu em fazer enfeites para as árvores de Natal dos vários núcleos museológicos de Vila do Conde¹⁴. Os materiais utilizados para fazer os enfeites foram impressões dos moldes utilizados nas rendas de bilros e os próprios bilros. O objetivo era que as crianças pintassem e decorassem a seu gosto os moldes, fazendo «almofadas» e anjos de Natal utilizando o bilro.



Fig.14 Enfeites de Natal



Fig.15 Anjos de Natal

¹⁴ Alfândega Régia, Casa de José Régio e Museu das Rendas de Bilros.

Para além de auxiliar na preparação da sala, também dei apoio durante a oficina. A minha participação consistiu em ajudar os alunos no que precisassem, fosse no enchimento dos enfeites tipo «almofada», fosse a aplicar os brilhantes da decoração. Tive a oportunidade de observar o entusiasmo e o esforço que os alunos dedicaram a esta atividade, conseguindo ser bastante criativos e independentes. Sendo uns mais calmos e outros mais extrovertidos, o trabalho em grupo resultou muito bem, terminando numa oficina bem-sucedida.

Como indica Fernando Magalhães (2005), a atividade educativa do museu é sobretudo interpretativa. Tilden (1977) já se referia à interpretação na sua obra, definindo este conceito como sendo “uma atividade educativa que tem como objetivo revelar significados e inter-relações através do uso de objetos originais, da experiência, e de ilustrações, em vez de simplesmente comunicar informação” (Tilden, 1977: 8). Tilden (1977) salvaguarda que esta definição é ao estilo de dicionário e que mais pode ser dito sobre o conceito de interpretação. Este autor pioneiro no campo da interpretação considera a imaginação grande parte desta atividade educativa, mas também indica que são necessários princípios que sirvam de guia para uma boa interpretação. Neste contexto, elaborou uma lista de seis princípios que, resumidamente, passam por relacionar a interpretação com o que está a ser exibido ou descrito; fazer revelações com base na informação; combinar várias artes; provocar; apresentar algo que tenha sentido como um todo e, por fim, preparar a abordagem de acordo com o público-alvo.

Na minha opinião, este princípio foi seguido na oficina de Natal realizada no Museu de Vila do Conde, revelando-se uma atividade bastante enriquecedora. Esta atividade uniu a criatividade ao conhecimento, permitindo que as crianças colocassem em prática a sua imaginação, tendo como foco o objeto detido em mãos. Através dos objetos dos moldes de bilros e dos próprios bilros foi possível remeter para um património cultural (imaterial) local: a manufatura das rendas de bilros. Foi assim abordado o saber fazer da renda de bilros e a sua importância identitária local. A arte em questão foi bem transmitida, tanto pelas senhoras que se encontram a bordar numa das salas do Museu, como pelos moldes que os alunos puderam utilizar e conhecer.

Este estágio revelou-se muito proveitoso no meu percurso.

Comentário Final

O estudo da cultura material é uma área de grande importância para a sociedade e infelizmente é um estudo que nem todos os Museus fazem, seja por falta de recursos humanos ou financeiros. Torna-se importante reconhecer a sua relevância e utilidade para as demais funções do Museu, como a exposição, a comunicação e os serviços educativos ou a conservação. A efetivação do museu como instituição social passa pelo conhecimento das suas coleções e consequente comunicação das suas mensagens e significados aos visitantes.

O estudo da coleção de 390 chumbadas constituída por Alexis Passechnikoff nos anos 1970 e 1980 e doada ao Museu do Mar em 1990, revelou-se um desafio de significativa dimensão: a falta de bibliografia referente ao tema foi o primeiro entrave com que tive de lidar, seguido pela falta de documentação no Museu de Vila do Conde. Claro que o Museu tinha bibliografia sobre a pesca no geral, mas sobre chumbadas nada existia. Estudar esta coleção em particular não foi, então, uma tarefa fácil. Por outro lado, permitiu-me percorrer um caminho que me levou, para além da pesquisa teórica, a um contacto com os pescadores. Isto é, ainda que de forma breve, permitiu-me ter a experiência de uma pesquisa de terreno. Esta etapa do processo de estudo ajudou ao enriquecimento do trabalho e ao meu desenvolvimento enquanto investigadora autónoma. Por falta de meios financeiros não consegui realizar todas as entrevistas que previra inicialmente, quando tinha intenção de percorrer as várias áreas geográficas outrora percorridas por Alexis Passechnikoff. Em função disso, é de admitir que este estudo possa não estar esgotado e que ainda mais informação possa ser recolhida, contudo, o tratamento a que a coleção foi submetida pode ser considerado como bastante exaustivo.

As conversas resultantes do meu contacto direto com Alexis Passechnikoff fizeram-me refletir sobre o que pode ser definido como o perfil de um colecionador fetichista, que acima de tudo sente a necessidade de acumular cada vez mais objetos e, no caso, diversas coleções. Começando com uma reunião ocasional de exemplares, , mas que depois adquirem significado pela própria acumulação alcançada, Alexis Passechnikoff assume a sua coleção de chumbadas de forma pessoal, como se isso fosse uma parte central da sua vida, ainda que atualmente já se sinta um pouco distanciado da

mesma. Recolheu 390 exemplares de chumbadas, assim como muitos outros exemplares de diversas outras coleções, ainda que à custa de sacrifícios pessoais. Alexis Passechnokoff faz parte do mundo das coleções e as coleções fazem parte do seu mundo. De tal forma, que em sua casa a falta de espaço se tornou um problema, levando-o a doar e/ou vender algumas das suas coleções.

Elaborar uma metodologia para o estudo desta coleção de chumbadas possibilitou que me familiarizasse mais com abordagens mais abrangentes de estudo da cultura material, cujos autores me permitiram o aprofundamento desta temática. Associando estas abordagens aos novos conhecimentos adquiridos na parte curricular dos Mestrado, tentei contribuir para a criação de um modelo de estudo de coleções mais consistente que possa, talvez, ser utilizado por mim no futuro. Trata-se de estudar a fisicalidade dos objetos, as suas dimensões palpáveis, mas também a materialidade das relações humanas que se cruzam com esses objetos, os seus contextos e os seus significados. Percebi que central seria alcançar a biografia cultural e social dos objetos.

Em simultâneo, entrar em contacto com outras instituições, museológicas e não museológicas, entrevistar pescadores e pessoas relacionadas com o tema e deslocar-me a vários locais na sequência do processo da minha investigação, permitiu-me melhorar significativamente as minhas competências sociais, uma vez que temos que ser multifacetados no contacto com várias pessoas e entidades.

Por outro lado, as atividades em que participei durante o Estágio no Museu de Vila do Conde, permitiram-me adquirir outras competências a nível de uma primeira experiência laboral na área da museologia. Pude aprender desenho arqueológico e a realizar desenhos de objetos utilizando um programa informático. Aprendi também a utilizar um programa informático de gestão de coleções, passando a dominar minimamente o In Arte. Compreendi ainda mais profundamente a necessidade de refletir sobre as condições de conservação das coleções, e até mesmo consegui reforçar o meu espírito de equipa.

Penso que esta minha aproximação ao mundo laboral me deu uma experiência muito significativa, ficando com uma preparação prática que de outra forma não seria possível. Neste contexto, entendo que os Estágios surgem como uma mais-valia, quer

para o estudante, quer para a instituição acolhedora. É uma forma de unir a teoria à prática, preparando assim adequadamente o estudante e fazendo com que os museus disponham de mais alguns recursos humanos, tão necessários para o seu melhor funcionamento e cumprimento da respetiva missão. Isto tendo em conta que atualmente todas as instituições museológicas no nosso país passam por grandes dificuldades em resultado das políticas de contenção orçamental impostas por vários governos, o que se tem traduzido na diminuição de verbas de apoio à cultura, em geral, e aos museus, em particular.

Sendo um dos objetivos do meu Estágio, contribuir para o enriquecimento da documentação do Museu de Vila do Conde, espero também que um dia seja possível organizar uma simples exposição para mostrar àquela comunidade piscatória que o espólio do Museu do Mar está a ser estudado e que a importância desta atividade primária que é a pesca não está sendo esquecida. Essa exposição seria também um modo de demonstrar reconhecimento aos dois colecionadores – Alexis Pssechnikoff e António Vila Cova – que tanto se empenharam na constituição de coleções voltadas à temática desta comunidade piscatória. Arrisco mesmo a dizer que poderia ser uma homenagem merecida a António Ferreira Vila Cova, genericamente considerado pela população Caxineira como um seu benfeitor.

Numa perspetiva mais sonhadora, gostava que este Relatório despertasse a curiosidade a alguém de direito para que fossem retomados e repensados os planos de construção de um novo Museu do Mar, no qual se pudesse aproveitar o extenso espólio detido, mas efetivamente usando-o como via de acesso à comunidade de Vila do Conde, cujos membros com toda a certeza lhes atribuem um valor sentimental inestimável. Esse poderia ser um bom veículo para o Museu cumprir a sua função social, ativando memórias e fortalecendo identidades.

Referências bibliográficas

- Appadurai, Arjun (1986). *The Social Life of Things*. Cambridge University Press.
- Baudrillard, Jean (1996). *The System Of Objects*. London: Verso.
- Belk, R.W. (1995). *Collecting in a Consumer Society*. London: Routledge.
- Cova, António Ferreira Vila (1995). *Autobiografia António Ferreira Vila Cova*. Binográfica, Póvoa de Varzim.
- Cova, José António (2008). *Caxinas, a minha terra e a minha gente*. Câmara Municipal de Vila do Conde.
- Cronyn, J. M. (1990). *The Elements of Archaeological Conservation*. Routledge.
- Durost (1932). In *Museums Objects and Collections – A Cultural Study*, Leicester: Leicester University Press.
- Fleming, E. McClung (1974). *Artifact study: A proposed model*. *Winterthur Portfolio* 9: 153- 173.
- Freeman, Tilden (1957). *Interpreting our Heritage*. The University of North Carolina Press.
- Hodder, Ian (1994). In *Interpreting Objects and Collections*. Leicester Readers in Museum Studies”, Series editor: Professor Susan M.Pearce.
- Homem, P.M. (2013). *Conservação Preventiva em Contextos Culturais*. *Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO*. Porto - Vol. XII, pp. 305-317.
- Homem, P. (2004). *O conceito, a filosofia e a prática da conservação nos museus do Norte de Portugal: balanço e estratégias de desenvolvimento*. In: *Museus do Eixo Atlântico: Museus de Portugal e do Norte da Galiza*, 1st ed. Vigo: Eixo Atlântico, pp.99-111.
- Kopytoff, Igor (1986). In *The Social Life of Things*. Cambridge University Press.
- Martins, Rodrigo e Carneiro, Miguel. (1998) “A Pesca Artesanal Local na Costa Continental Portuguesa”, IPIMAR.
- Lei Quadro dos Museus Portugueses
- Miller, Daniel (1994). In *Interpreting Objects and Collections*. Leicester Readers in Museum Studies”, Series editor: Professor Susan M.Pearce.
- Nunes, Francisco (2008). *Culturas Marítimas em Portugal*. Âncora Editora.

- Oliveira, J. M. Pereira (1976). Atividades de pesca da Nazaré. Coimbra: separata de biblos.
- Pearce, Susan (1994). Interpreting Objects and Collections. Leicester Readers in Museum Studies”, Series editor: Professor Susan M.Pearce.
- Pearce, Susan (1992). Museums Objects and Collections – A Cultural Study, Leicester: Leicester University Press.
- Pomian, Krzysztof (1987). Collectors and Curiosities. Editions Gallimard.
- Prown, Jules (2008). “Mind in Matter: An Introduction to Material Culture Theory and Method”. The University of Chicago Press on behalf of the Henry Francis du Pont. (PDF disponibilizado pela Professora Alice Semedo).
- Santos, Joaquim Neves (1958). Pescadores do Leça e artes de pesca. Matosinhos: edições do autor.
- Semedo, Alice (2005) “Políticas de gestão de coleções (parte 1)”, Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas de Património, I Série vol. IV, pp.205-322
- Sousa, Álvaro Maria de (1982). Pesca desportiva em Portugal. Maraes Editores.
- Smith, J. (1999). Risk Assessment for Object Conservation. Butterworth Heinemann.
- Thomson, Garry. (1994). The Museum Environment. Oxford. Butterworth Heinemann.

Apêndices

Apêndice A

Glossário

Corrico – Lançar e puxar a linha várias vezes seguidas.

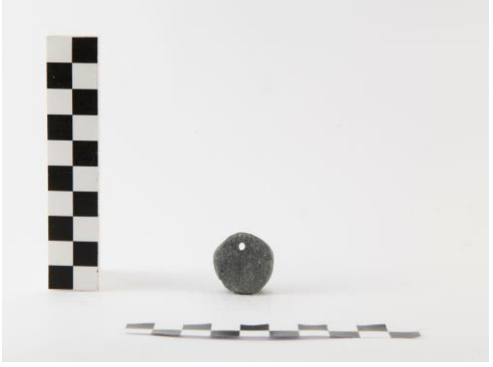

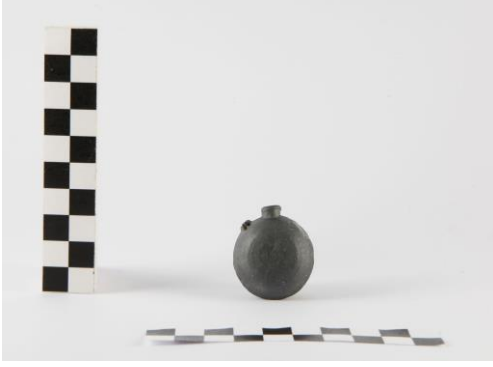
Enchapar – Encher o barco; pescar muito.





Destroçedor – Aplicação que impede que a linha fique torcida.


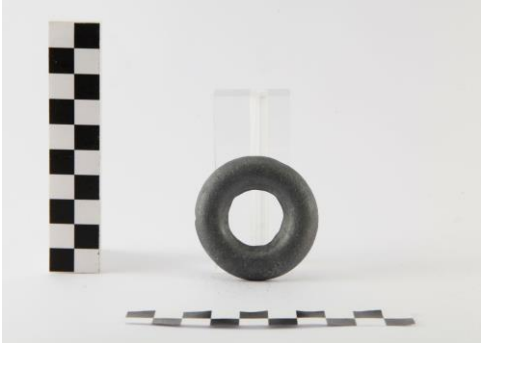


Escarnar – Quando o mar leva a areia toda e o penedo fica à mostra.





Tenso – Colocar a chumbada na linha a uma certa altura.





Apêndice B





Tipologia	Fotografia	Nº Inventário
<p>Circulares</p> <ul style="list-style-type: none">• Simples		MVC-05455-MM
<p>Circulares</p> <ul style="list-style-type: none">• Achatadas		MVC-05458-MM
<p>Circulares</p> <ul style="list-style-type: none">• Com arestas boleadas		MVC-05462-MM

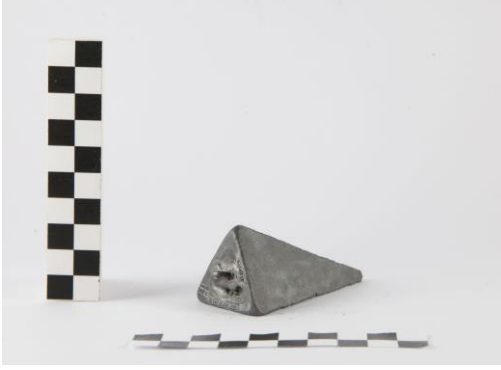



<p>Circulares</p> <ul style="list-style-type: none"> • De faces planas 		<p>MVC-05470-MM</p>
<p>Circulares</p> <ul style="list-style-type: none"> • Com moldura 		<p>MVC-05476-MM</p>
<p>Circulares</p> <ul style="list-style-type: none"> • Com saliências 		<p>MVC-05492-MM</p>
<p>Circulares</p> <ul style="list-style-type: none"> • Biscoitos 		<p>MVC-05493-MM</p>


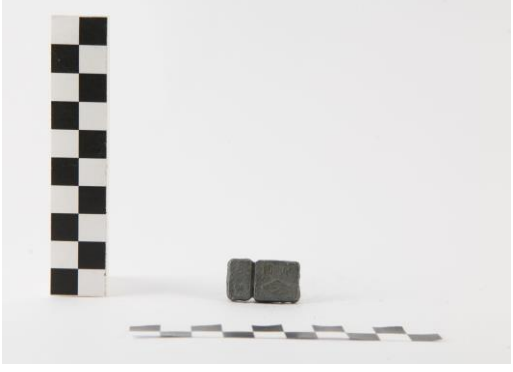
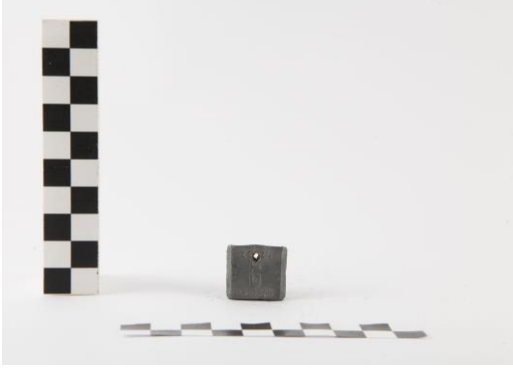

<p>Circulares</p> <ul style="list-style-type: none"> • Convexas 		<p>MVC-05484-MM</p>
<p>Circulares</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discos perforados 		<p>MVC-05504-MM</p>
<p>Cemi-circulares</p>		<p>MVC-05782-MM</p>
<p>Catherine</p>		<p>MVC-05803-MM</p>





<p>Pé de Pedestal</p>		<p>MVC-05798-MM</p>
<p>Rabo de Peixe</p>		<p>MVC-05791-MM</p>
<p>Conchas</p>		<p>MVC-05804-MM</p>
<p>Rolhas</p>		<p>MVC-05800-MM</p>



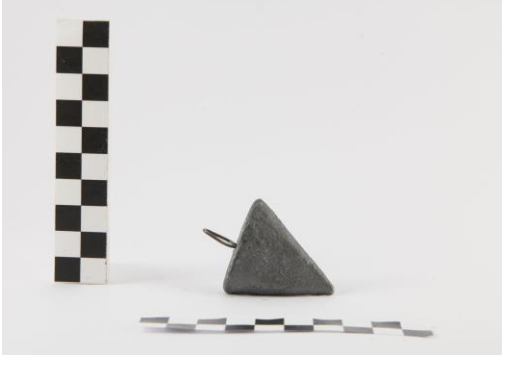

<p>Esferas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Com argola 		<p>MVC-05510-MM</p>
<p>Esferas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Com perfuração 		<p>MVC-05529-MM</p>
<p>Esferas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sem perfuração 		<p>MVC-05526-MM</p>
<p>Amêndoas</p>		<p>MVC.05532-MM</p>





<p>Gotas</p>		<p>MVC-05591-MM</p>
<p>Elipse</p>		<p>MVC-05561-MM</p>
<p>Pirâmides</p> <ul style="list-style-type: none"> • De base quadrada 		<p>MVC-05701-MM</p>
<p>Pirâmides</p> <ul style="list-style-type: none"> • De base quadrada com argola em cima 		<p>MVC-05713-MM</p>


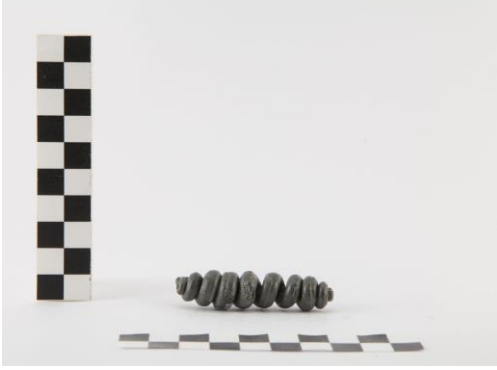
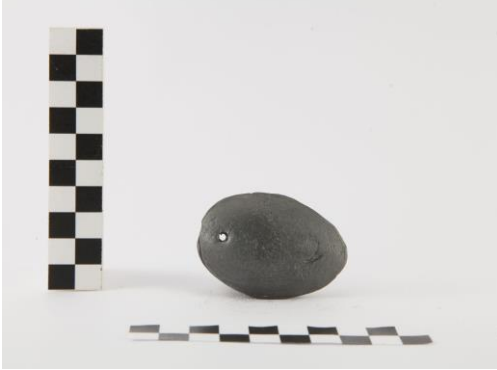

<p>Pirâmides</p> <ul style="list-style-type: none"> • De base triangular 		<p>MVC-05720-MM</p>
<p>Pirâmides</p> <ul style="list-style-type: none"> • Truncadas 		<p>MVC-05715-MM</p>
<p>Cones</p>		<p>MVC-05678-MM</p>
<p>Cones Invertidos</p>		<p>MVC-05684-MM</p>

<p>Hexágonos</p>		<p>MVC-05734-MM</p>
<p>Retângulos</p>		<p>MVC-05749-MM</p>
<p>Quadrados</p>		<p>MVC-05748-MM</p>
<p>Cubos</p>		<p>MVC-05753-MM</p>

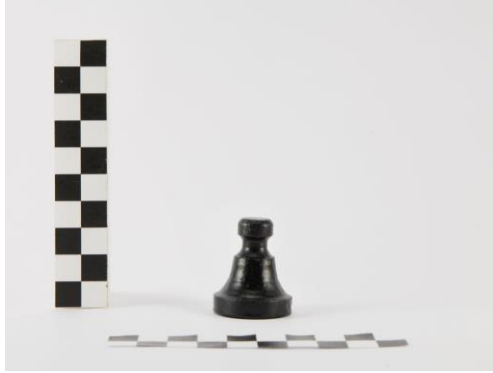
<p>Paralelepípedos</p>		<p>MVC-05755-MM</p>
<p>Trapezoidais</p>		<p>MVC-05774-MM</p>
<p>Cilindros</p>		<p>MVC-05632-MM</p>
<p>Cilindros</p> <ul style="list-style-type: none"> • Piramidais 		<p>MVC-05665-MM</p>

<p>Cilindros</p> <ul style="list-style-type: none"> • Troncónicos 		<p>MVC-05664-MM</p>
<p>Cilindros</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cónicos 		<p>MVC-05672-MM</p>
<p>Setas</p>		<p>MVC-05726-MM</p>
<p>Faces Biconvexas</p>		<p>MVC-05624-MM</p>

<p>Fita enrolada</p>		<p>MVC-05751-MM</p>
<p>Porcas</p>		<p>MVC-05808-MM</p>
<p>Prumos</p>		<p>MVC-05696-MM</p>
<p>Barril</p>		<p>MVC-05605-MM</p>

<p>Balas</p>		<p>MVC-05610-MM</p>
<p>Espirais</p>		<p>MVC-05837-MM</p>
<p>Ovais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Achatados 		<p>MVC-05567-MM</p>
<p>Ovais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Com moldura 		<p>MVC-05568-MM</p>

Indiferenciados



MVC-05809-MM

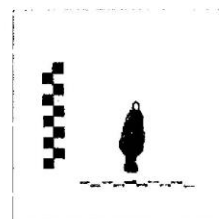
Apêndice C

Inventário : Objectos

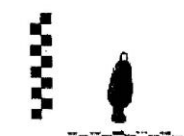
Página 1 de 2

Inventário : Objectos	25-05-2016 11:23:31
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

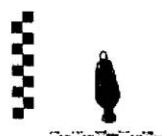
Nº inventário	MVC-05798-MM
Designação	Chumbada
Título	
Descrição	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, de formato ovalado, com argola de suspensão em cobre. Apresenta pé de pedestal e uma âncora gravada numa das faces.
Data registo	12-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05798-MM.jpg



MVC-05798-MM (2).jpg



MVC-05798-MM (3).jpg

Informação específica

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	12-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% °O: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

file:///C:/Users/arminda.rodrigues/AppData/Local/Temp/InartePlus/fmInventario00.0... 25-05-2016

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à linha de mão.

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	12-04-2016	
Serenela Carvalho	12-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Metals\Chumbo			
Metals\Cobre		Argola	

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura	6,5	
Centímetro(cm)		Largura	2,3	
Centímetro(cm)		Espessura	2,1	

Numerações

Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 81	Número de inventário anterior		

Pesos

Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,12	

Inventário : Objectos	25-05-2016 11:26:04
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

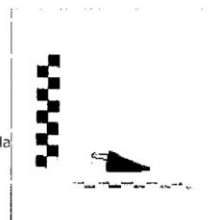
Nº inventário MVC-05726-MM

Designação Chumbada

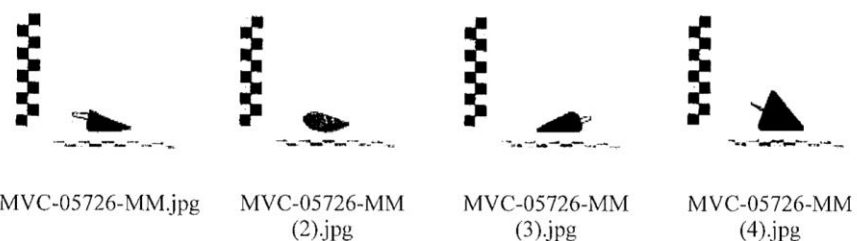
Título

Descrição Peso de chumbo ou ligas de chumbo, em forma de seta, com argola de suspensão em ferro.

Data registo 08-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



Informação específica

Autorias

Autor	Tipo autoria	Notas
Desconhecido		

Categorias

Tipo categoria	Justificação
Instrumentos ou utensílios	Utilitária

Cores

Cor	Parte descrita	Notas
Cinzentos		

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas

Museu do Mar

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	08-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% °O: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à cana.

Incorporações

Tipo incorpor.	Proveniência	Data	Notas
Doação	Museu do Mar		

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	08-04-2016	
Serenela Carvalho	08-04-2016	

Localizações

Tipo localização	Localização	Data	Notas
Interna\Museu de Vila do Conde			

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			
Metais\Ferro		Argola	

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Largura	3,7	
Centímetro(cm)		Altura	5,4	
Centímetro(cm)		Espessura	1,6	

Numerações

Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 222	Número de inventário anterior		

Pesos

Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,08	

Inventário : Objectos

25-05-2016 11:21:52

Camara Municipal de Vila do Conde
ipereira

Nº inventário MVC-05791-MM

Designação Chumbada

Título

Descrição Peso em chumbo ou ligas de chumbo, de formato rabo de peixe, com orifício circular de suspensão.

Data registo 12-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05791-MM.jpg



MVC-05791-MM (2).jpg



MVC-05791-MM (3).jpg

Informação específica

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	12-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% 00: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

file:///C:/Users/arminda.rodrigues/AppData/Local/Temp/InartePlus/fmInventario00.0... 25-05-2016

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à linha de mão.

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	12-04-2016	
Serenela Carvalho	12-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Metais\Chumbo			

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura	6,8	
Centímetro(cm)		Largura	4,2	
Centímetro(cm)		Espessura	2,0	

Numerações

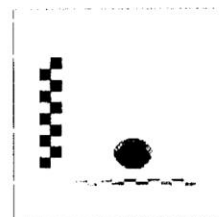
Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 1	Número de inventário anterior		

Pesos

Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,16	

Inventário : Objectos	25-05-2016 11:20:18
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

Nº inventário	MVC-05561-MM
Designação	Chumbada
Título	
Descrição	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, com forma de elipse, com perfuração em ambas as extremidades.
Data registo	08-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05561-MM.jpg



MVC-05561-MM (2).jpg



MVC-05561-MM (3).jpg

Informação específica

Autorias

Autor	Tipo autoria	Notas
Desconhecido		

Categorias

Tipo categoria	Justificação
Instrumentos ou utensílios	Utilitária

Cores

Cor	Parte descrita	Notas
Cinzento		

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	08-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% �O: 20�C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustent�o ou caixas de acondicionamento, devido � liberta�o de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão � superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

Fun es

Tipo fun�o	Notas
Utilitária	Pesca � cana.

Incorpora es

Tipo incorpor.	Proveniência	Data	Notas
Doa�o	Museu do Mar		

Inscri es

Tipo inscri�o	Autor	Texto	Grafia	Técnica	Posi�o	Idioma	Tradu�o	Data	Notas
Número		"65"							

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	08-04-2016	
Serenela Carvalho	08-04-2016	

Localiza es

Tipo localiza�o	Localiza�o	Data	Notas
Interna\Museu de Vila do Conde			

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas met�licas\Chumbo			

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Largura	2,6	
Centímetro(cm)		Altura	3,6	
Centímetro(cm)		Espessura	1,4	

Numera es

Número	Tipo numera�o	Data	Notas
D 89	Número de inventário anterior		

Pesos

Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)			,08

Proprietários

Proprietário	Data	Notas
Câmara Municipal de Vila do Conde		

Inventário : Objectos

25-05-2016 11:22:42

Camara Municipal de Vila do Conde

ipereira

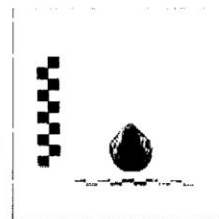
Nº inventário MVC-05804-MM

Designação Chumbada

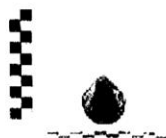
Título

Descrição Peso em chumbo ou ligas de chumbo, em forma de concha, com orifício circular de suspensão.

Data registo 13-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05804-MM.jpg



MVC-05804-MM (2).jpg



MVC-05804-MM (3).jpg

Informação específica

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	13-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% 9O: 209C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à linha de mão.

file:///C:/Users/arminda.rodrigues/AppData/Local/Temp/InartePlus/frmInventario00.0... 25-05-2016

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	13-04-2016	
Serenela Carvalho	13-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura	4,3	
Centímetro(cm)		Largura	3,9	
Centímetro(cm)		Espessura	1,2	

Numerações

Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 62	Número de inventário anterior		

Pesos

Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,1	

Inventário : Objectos	25-05-2016 11:26:37
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

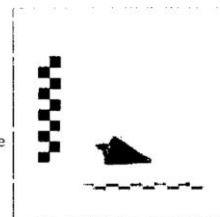
Nº inventário MVC-05703-MM

Designação Chumbada

Título

Descrição Peso em chumbo ou ligas de chumbo, formato piramidal, de base quadrada, com argola de suspensão em cobre.

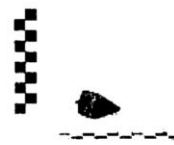
Data registo 08-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05703-MM.jpg



MVC-05703-MM (2).jpg

Informação específica

Autorias

Autor	Tipo autoria	Notas
Desconhecido		

Categorias

Tipo categoria	Justificação
Instrumentos ou utensílios	Utilitária

Cores

Cor	Parte descrita	Notas
Cinzento		

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbeira	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	08-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% °O: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à cana.

Incorporações

Tipo incorpor.	Proveniência	Data	Notas
Doação	Museu do Mar		

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	08-04-2016	
Serenela Carvalho	08-04-2016	

Localizações

Tipo localização	Localização	Data	Notas
	Interna\Museu de Vila do Conde		

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			
Metais\Cobre		Argola	

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Largura	2,5	
Centímetro(cm)		Altura	5,6	
Centímetro(cm)		Espessura	2,3	

Numerações

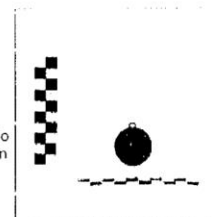
Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 186	Número de inventário anterior		

Pesos

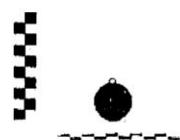
Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,12	

Inventário : Objectos	25-05-2016 11:29:47
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

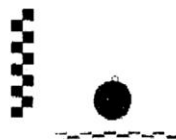
Nº inventário	MVC-05469-MM
Designação	Chumbada
Título	
Descrição	Peso de chumbo ou ligas de chumbo, de forma circular, encimado por argola de suspensão. Apresenta cinco saliências redondas em cada face. Tem a inscrição: "Hipólito".
Data registo	07-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05469-MM.jpg



MVC-05469-MM (2).jpg



MVC-05469-MM (3).jpg

Informação específica

Autorias

Autor	Tipo autoria	Notas
Desconhecido		

Categorias

Tipo categoria	Justificação
Instrumentos ou utensílios	Utilitária

Cores

Cor	Parte descrita	Notas
Cinzento		

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas

Museu do Mar

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	07-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% 90: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à cana.

Incorporações

Tipo incorpor.	Proveniência	Data	Notas
Doação			

Inscrições

Tipo inscrição	Autor	Texto	Grafia	Técnica	Posição	Idioma	Tradução	Data	Notas
	Desconhecido	"Hipólito"				Português			

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	07-04-2016	
Serenela Carvalho	07-04-2016	

Localizações

Tipo localização	Localização	Data	Notas
	Interna\Museu de Vila do Conde		

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			
Metais\Ferro		Argola	

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Diâmetro	3,4	
Centímetro(cm)		Espessura	1,0	
Centímetro(cm)		Altura	3,9	

Numerações

Número	Tipo numeração	Data	Notas
--------	----------------	------	-------

D 123 Número de inventário anterior

Pesos

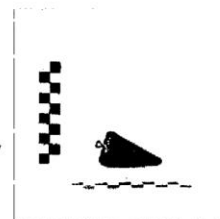
Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)			,08

Proprietários

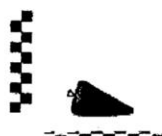
Proprietário	Data	Notas
Câmara Municipal de Vila do Conde		

Inventário : Objectos	25-05-2016 11:28:12
	Camara Municipal de Vila do Conde
	Ipereira

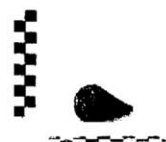
Nº inventário	MVC-05678-MM
Designação	Chumbada
Título	
Descrição	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, formato de cone invertido, com argola de suspensão em cobre.
Data registo	11-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05678-MM.jpg



MVC-05678-MM (2).jpg

Informação específica

Autorias

Autor	Tipo autoria	Notas
Desconhecido		

Categorias

Tipo categoria	Justificação
Instrumentos ou utensílios	Utilitária

Cores

Cor	Parte descrita	Notas
Cinzentos		

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	11-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% °O: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à cana.

Incorporações

Tipo incorpor.	Proveniência	Data	Notas
Doação	Museu do Mar		

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	11-04-2016	
Serenela Carvalho	11-04-2016	

Localizações

Tipo localização	Localização	Data	Notas
	Interna\Museu de Vila do Conde		

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			
Metais\Cobre		Argola	

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Largura	2,4	
Centímetro(cm)		Altura	5,4	
Centímetro(cm)		Espessura	2,0	

Numerações

Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 213	Número de inventário anterior		

Pesos

Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,08	

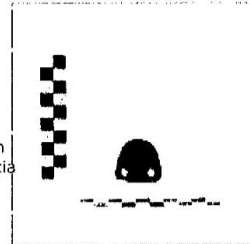
Inventário : Objectos

25-05-2016 11:19:56

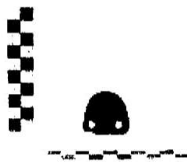
Camara Municipal de Vila do Conde

ipereira

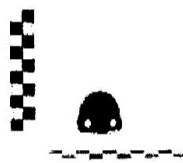
Nº inventário	MVC-05786-MM
Designação	Chumbeira
Título	
Descrição	Peso de chumbo ou ligas de chumbo, de forma arredondada, com um lado cortado. Apresenta dois orifícios circulares e uma saliência na extremidade superior.
Data registo	08-04-2016



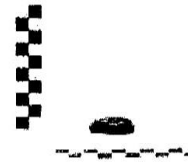
Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05786-MM.jpg



MVC-05786-MM (2).jpg



MVC-05786-MM (3).jpg

Informação específica

Autorias

Autor	Tipo autoria	Notas
Desconhecido		

Categorias

Tipo categoria	Justificação
Instrumentos ou utensílios	Utilitária

Cores

Cor	Parte descrita	Notas
Cinzento		

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbeira	

Direitos

Entidade	Notas

Museu do Mar

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	08-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% °D: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca de rede.

Incorporações

Tipo incorpor.	Proveniência	Data	Notas
Doação	Museu do Mar		

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	08-04-2016	
Serenela Carvalho	08-04-2016	

Localizações

Tipo localização	Localização	Data	Notas
Interna\Museu de Vila do Conde			

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Largura	3,6	
Centímetro(cm)		Altura	3,3	
Milímetro(mm)		Espessura	6,0	

Numerações

Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 118	Número de inventário anterior		

Pesos

Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,06	

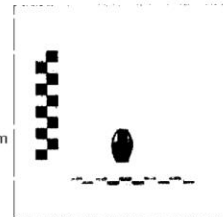
Inventário : Objectos

25-05-2016 11:19:01

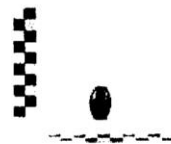
Camara Municipal de Vila do Conde

ipereira

Nº inventário	MVC-05624-MM
Designação	Chumbeira
Título	
Descrição	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, com faces biconvexas, com perfuração central. Apresenta a inscrição: "60 g 85".
Data registo	08-04-2016



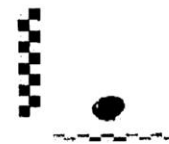
Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05624-MM.jpg



MVC-05624-MM (2).jpg



MVC-05624-MM (3).jpg

Informação específica

Autorias

Autor	Tipo autoria	Notas
Desconhecido		

Categorias

Tipo categoria	Justificação
Instrumentos ou utensílios	Utilitária

Cores

Cor	Parte descrita	Notas
Cinzentos		

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbeira	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	08-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% °O: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca de rede.

Incorporações

Tipo incorpor.	Proveniência	Data	Notas
Doação			

Inscrições

Tipo inscrição	Autor	Texto	Grafia	Técnica	Posição	Idioma	Tradução	Data	Notas
Número	Desconhecido	"60 g 85"				Português			

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	08-04-2016	
Serenela Carvalho	08-04-2016	

Localizações

Tipo localização	Localização	Data	Notas
	Interna\Museu de Vila do Conde		

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			

Medidas

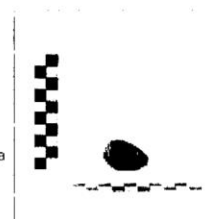
Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Largura	2,1	
Centímetro(cm)		Altura	2,8	
Centímetro(cm)		Espessura	2,1	

Numerações

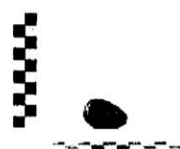
Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 325	Número de inventário anterior		

Inventário : Objectos	25-05-2016 10:31:12
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

Nº inventário	MVC-05577-MM
Designação	Chumbada
Título	
Descrição	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, em forma de gota, com perfuração na extremidade superior. Apresenta numa das faces a inscrição "110".
Data registo	14-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05577-MM.jpg



MVC-05577-MM (2).jpg



MVC-05577-MM (3).jpg

Informação específica

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	14-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% 00: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à cana.

Inscrições

Tipo inscrição	Autor	Texto	Grafia	Técnica	Posição	Idioma	Tradução	Data	Notas
Número	Desconhecido	"110"							

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	14-04-2016	
Serenela Carvalho	14-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura	4,0	
Centímetro(cm)		Largura	2,5	
Centímetro(cm)		Espessura	1,8	

Numerações

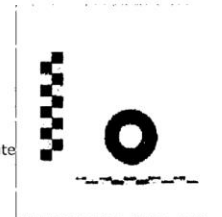
Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 55	Número de inventário anterior		

Pesos

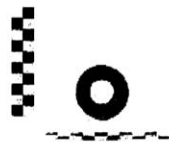
Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)			,1

Inventário : Objectos	25-05-2016 11:18:03
	Camara Municipal de Vila do Conde
	Ipereira

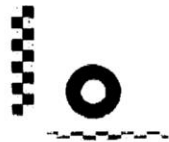
Nº inventário	MVC-05504-MM
Designação	Chumbeira
Título	
Descrição	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, de forma discoide, com perfuração central. Apresenta uma face plana e outra ligeiramente convexa.
Data registo	07-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05504-MM.jpg



MVC-05504-MM (2).jpg



MVC-05504-MM (3).jpg

Informação específica

Autorias

Autor	Tipo autoria	Notas
Desconhecido		

Categorias

Tipo categoria	Justificação
Instrumentos ou utensílios	Utilitária

Cores

Cor	Parte descrita	Notas
Cinzento		

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbeira	

Direitos

Entidade	Notas

file:///C:/Users/arminda.rodrigues/AppData/Local/Temp/InartePlus/frmInventario00.0... 25-05-2016

Museu do Mar

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	07-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% °O: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca de rede.

Incorporações

Tipo incorpor.	Proveniência	Data	Notas
Doação			

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	07-04-2016	
Serenela Carvalho	07-04-2016	

Localizações

Tipo localização	Localização	Data	Notas
Interna\Museu de Vila do Conde			

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Espessura	,7	
Centímetro(cm)		Diâmetro	4,8	

Numerações

Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 137	Número de inventário anterior		

Pesos

Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,08	

Inventário : Objectos	25-05-2016 10:29:09
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

Nº inventário MVC-05507-MM

Designação Chumbada

Título

Descrição Peso em chumbo ou ligas de chumbo, de formato esférico, composto por duas partes unidas entre si por um parafuso. Uma face apresenta cinco perfurações circulares e a outra face apresenta sete, sendo que duas das perfurações saem fora do padrão.

Data registo 13-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05507-MM.jpg



MVC-05507-MM (2).jpg

Informação específica

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	13-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% °O: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

file:///C:/Users/arminda.rodrigues/AppData/Local/Temp/InartePlus/frmInventario00.0... 25-05-2016

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à cana.

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	13-04-2016	
Serenela Carvalho	13-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura	5,4	
Centímetro(cm)		Largura	3,6	
Centímetro(cm)		Espessura	3,8	

Numerações

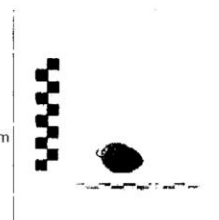
Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 301	Número de inventário anterior		

Pesos

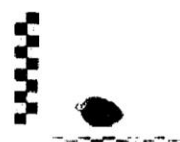
Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)			,08

Inventário : Objectos	25-05-2016 10:30:10
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

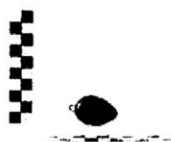
Nº inventário	MVC-05532-MM
Designação	Chumbada
Título	
Descrição	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, na forma de âmendoa, com argola de suspensão em cobre. Apresenta numa face a inscrição "100" e na outra a inscrição "B".
Data registo	14-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05532-MM.jpg



MVC-05532-MM (2).jpg



MVC-05532-MM (3).jpg

Informação específica

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	14-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% 00: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas.

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à cana.

Inscrições

Tipo inscrição	Autor	Texto	Grafia	Técnica	Posição	Idioma	Tradução	Data	Notas
Número	Desconhecido	"100"							
Legenda	Desconhecido	"B"				Português			

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	14-04-2016	
Serenela Carvalho	14-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			
Metais\Cobre		Argola	

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura	4,3	
Centímetro(cm)		Largura	2,6	
Centímetro(cm)		Espessura	1,7	

Numerações

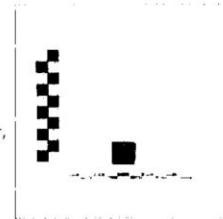
Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 41	Número de inventário anterior		

Pesos

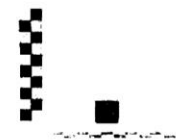
Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,08	

Inventário : Objectos	25-05-2016 10:26:09
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

Nº inventário	MVC-05748-MM
Designação	Chumbada
Título	
Descrição	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, de formato quadrângular, com orifício circular de suspensão. Apresenta numa das faces a inscrição "14 GMS" na horizontal e a inscrição "GT" na vertical.
Data registo	15-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05748-MM.jpg



MVC-05748-MM (2).jpg



MVC-05748-MM (3).jpg

Informação específica

Categorias

Tipo categoria	Justificação
Instrumentos ou utensílios	Utilitária

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo,	15-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% °Q: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de

encontra-se
estável.

acondicionamento, devido à libertação
de ácidos orgânicos por este material
que podem potenciar fenómenos de
corrosão à superfície do artefacto.
Manuseamento sempre com luvas

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à cana.

Inscrições

Tipo inscrição	Autor	Texto	Grafia	Técnica	Posição	Idioma	Tradução	Data	Notas
Legenda	Desconhecido	"14 GMS"							
Legenda	Desconhecido	"GT"							

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	15-04-2016	
Serenela Carvalho	15-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura	2,0	
Centímetro(cm)		Largura	2,2	
Milímetro(mm)		Espessura	3,0	

Numerações

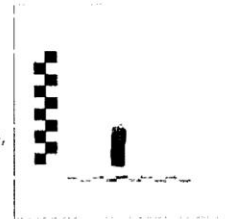
Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 342	Número de inventário anterior		

Pesos

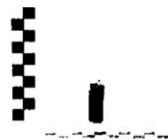
Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)			,02

Inventário : Objectos	25-05-2016 10:26:53
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

Nº inventário	MVC-05756-MM
Designação	Chumbada
Título	
Descrição	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, de formato paralelepípedo, com argola de suspensão em cobre.
Data registo	15-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05756-MM.jpg



MVC-05756-MM (2).jpg

Informação específica

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	15-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% °Q: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à cana.

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	15-04-2016	
Serenela Carvalho	15-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			
Metais\Cobre		Argola	

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura	3,7	
Centímetro(cm)		Largura	1,5	
Centímetro(cm)		Espessura	1,5	

Numerações

Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 298	Número de inventário anterior		

Pesos

Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,06	

Inventário : Objectos	25-05-2016 10:27:26
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

Nº inventário	MVC-05774-MM
Designação	Chumbada
Título	
Descrição	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, de formato trapezoidal, com orifício circular de suspensão.
Data registo	15-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05774-MM.jpg



MVC-05774-MM (2).jpg



MVC-05774-MM (3).jpg

Informação específica

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	15-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% 90: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à linha de mão.

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	15-04-2016	
Serenela Carvalho	15-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura	5,7	
Centímetro(cm)		Largura	2,3	
Centímetro(cm)		Espessura	1,5	

Numerações

Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 116	Número de inventário anterior		

Pesos

Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,14	

Inventário : Objectos	25-05-2016 10:24:53
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

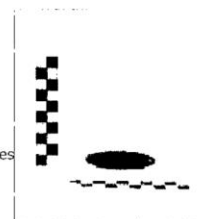
Nº inventário MVC-05607-MM

Designação Chumbada

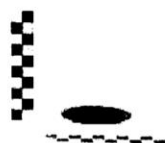
Título

Descrição Peso em chumbo ou ligas de chumbo, de faces biconvexas, com perfuração em ambas as extremidades. Apresenta numa das faces a inscrição "100".

Data registo 15-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05607-MM.jpg



MVC-05607-MM (2).jpg

Informação específica

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	15-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% 0: 20C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustento ou caixas de acondicionamento, devido  libertao de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão  superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas

file:///C:/Users/arminda.rodrigues/AppData/Local/Temp/InartePlus/frmInventario00.0... 25-05-2016

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à linha de mão.

Inscrições

Tipo inscrição	Autor	Texto	Grafia	Técnica	Posição	Idioma	Tradução	Data	Notas
Número	Desconhecido	"100"							

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	15-04-2016	
Serenela Carvalho	15-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura	6,6	
Centímetro(cm)		Largura	1,6	
Centímetro(cm)		Espessura	1,6	

Numerações

Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 274	Número de inventário anterior		

Pesos

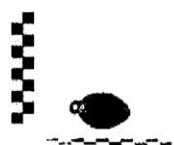
Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,1	

Inventário : Objectos	25-05-2016 10:20:02
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

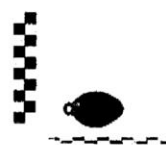
Nº inventário	MVC-05555-MM
Designação	Chumbada
Título	
Descrição	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, de formato oval, com argola de suspensão em chumbo.
Data registo	15-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-5555-MM.jpg



MVC-5555-MM (2).jpg

Informação específica

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	15-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% °0; 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas

file:///C:/Users/arminda.rodrigues/AppData/Local/Temp/InartePlus/frmInventario00.0... 25-05-2016

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à cana.

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	15-04-2016	
Serenela Carvalho	15-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura		5,4
Centímetro(cm)		Largura		3,1
Centímetro(cm)		Espessura		1,6

Numerações

Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 32	Número de inventário anterior		

Pesos

Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)			,12

Inventário : Objectos	25-05-2016 10:23:32
	Camara Municipal de Vila do Conde
	ipereira

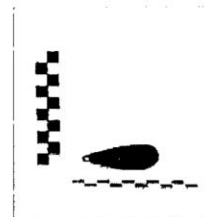
Nº inventário MVC-05612-MM

Designação Chumbada

Título

Descrição Peso em chumbo ou ligas de chumbo, de formato tipo bala, com argola de suspensão em cobre. Apresenta numa das faces a inscrição "F.C.P." e na outra a inscrição "FERNANDO".

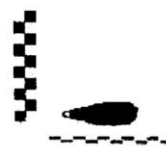
Data registo 15-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05612-MM.jpg



MVC-05612-MM (2).jpg

Informação específica

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
Conservação\Muito Bom	Chumbada	Peso em chumbo ou ligas de chumbo, encontra-se estável.	15-04-2016	Acondicionada em placa de espuma de polietileno, por tipologias. Encontra-se numa caixa hermética. HR: <50% 90: 20°C. No chumbo e ligas de chumbo deve-se evitar contato com a madeira, vasos de sustentação ou caixas de acondicionamento, devido à libertação de ácidos orgânicos por este material que podem potenciar fenómenos de corrosão à superfície do artefacto. Manuseamento sempre com luvas

file:///C:/Users/arminda.rodrigues/AppData/Local/Temp/InartePlus/frmInventario00.0... 25-05-2016

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à linha de mão.

Inscrições

Tipo inscrição	Autor	Texto	Grafia	Técnica	Posição	Idioma	Tradução	Data	Notas
Legenda	Desconhecido	"F.C.P."							
Legenda	Desconhecido	"FERNANDO"							

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	15-04-2016	
Serenela Carvalho	15-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Ligas metálicas\Chumbo			
Metais\Cobre		Argola	

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura	6,7	
Centímetro(cm)		Largura	2,0	
Centímetro(cm)		Espessura	2,0	

Numerações

Número	Tipo numeração	Data	Notas
	Número de inventário anterior		

Pesos

Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)		,14	

Inventário : Objectos

25-05-2016 10:18:54

Camara Municipal de Vila do Conde

ipereira

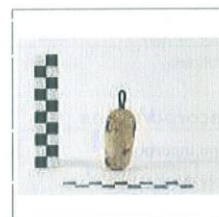
Nº inventário MVC-05825-MM

Designação Chumbada

Título

Descrição Peso em rocha (calcário), de formato cilíndrico, com argola de suspensão em ferro. Apresenta uma coloração amarela.

Data registo 14-04-2016



Ficheiros multimédia: Informação genérica



MVC-05825-MM.jpg



MVC-05825-MM (2).jpg



MVC-05825-MM (3).jpg

Informação específica

Autorias

Autor	Tipo autoria	Notas
Desconhecido		

Categorias

Tipo categoria	Justificação
Equipamento e Utensílios	

Designações

Tipo designação	Designação	Justificação
Comum	Chumbada	

Direitos

Entidade	Notas
Museu do Mar	

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado	Cond. especiais
				HR: <50% °O: 20°C.

HR: <50% °O: 20°C.

Conservação\Muito Bom	Chumbada	14-04-2016	Acondicionamento, em placa de espuma de polietileno por tipologias, as placas entram numa caixa hermética. Manuseamento sempre com luvas.
-----------------------	----------	------------	--

Funções

Tipo função	Notas
Utilitária	Pesca à linha de mão.

Incorporações

Tipo incorpor.	Proveniência	Data	Notas
Doação			

Inventariantes

Inventariante	Data	Notas
Arminda Rodrigues	14-04-2016	
Serenela Carvalho	14-04-2016	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita	Notas
Lítico\Calcário		Chumbada	
Metais\Ferro		Argola	

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor	Notas
Centímetro(cm)		Altura	7,0	
Centímetro(cm)		Largura	2,6	
Centímetro(cm)		Espessura	2,5	

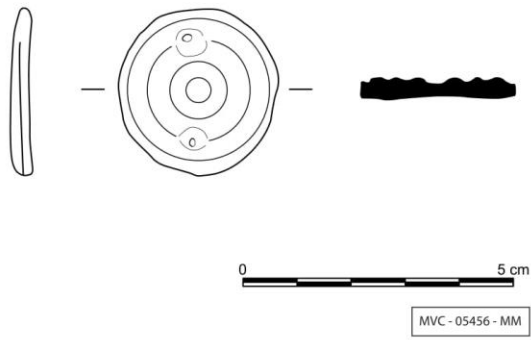
Numerações

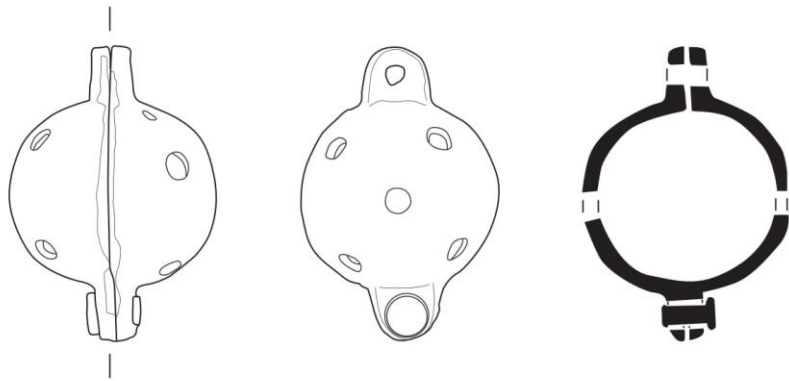
Número	Tipo numeração	Data	Notas
D 425	Número de inventário anterior		

Pesos

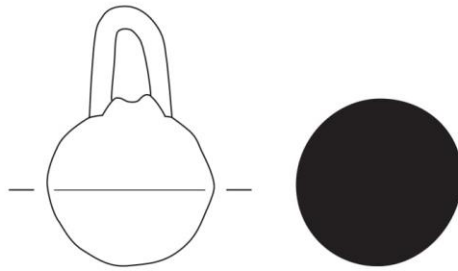
Unidade peso	Parte descrita	Valor	Notas
Quilograma(Kg)			,08

Apêndice D



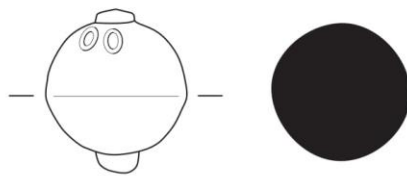


MVC - 05507 - MM



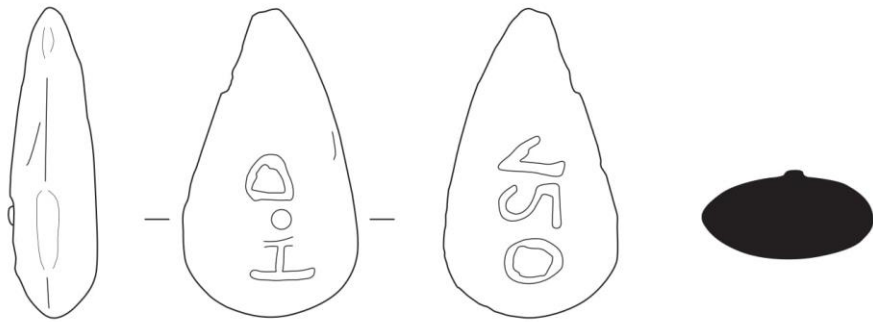
0 5 cm

MVC - 05512 - MM



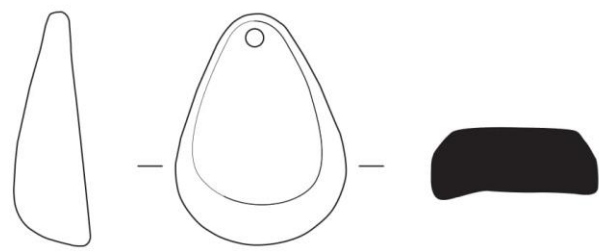
0 5 cm

MVC - 05521 - MM



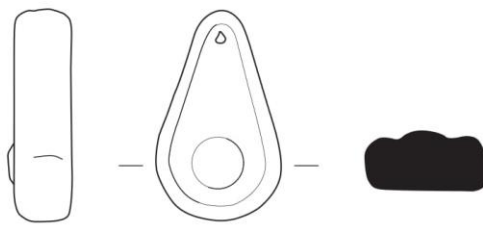
0 5 cm

MVC - 05578 - MM



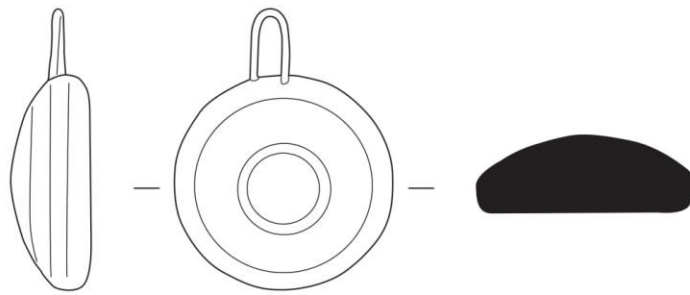
0 5 cm

MVC - 05588 - MM



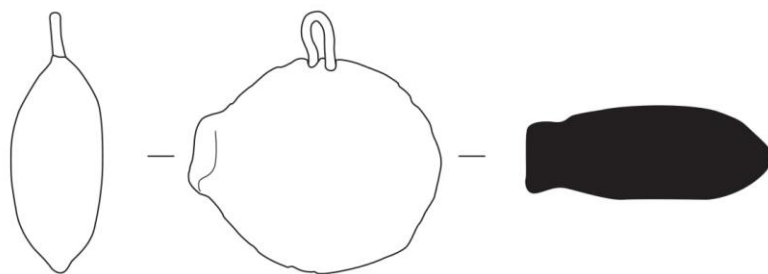
0 5 cm

MVC - 05592 - MM



0 5 cm

MVC - 05458 - MM



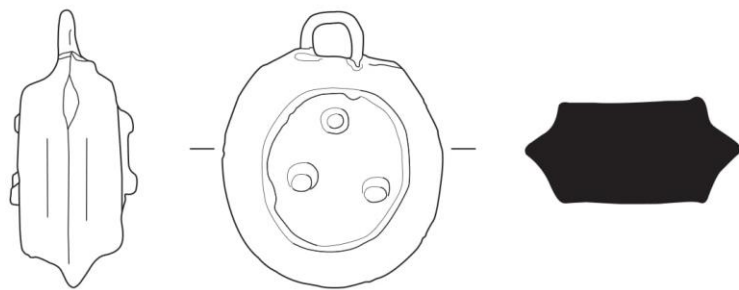
0 5 cm

MVC - 05463 - MM



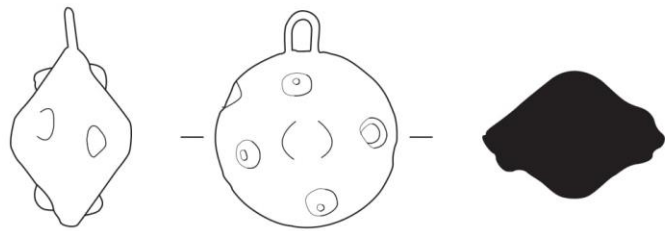
0 5 cm

MVC - 05469 - MM



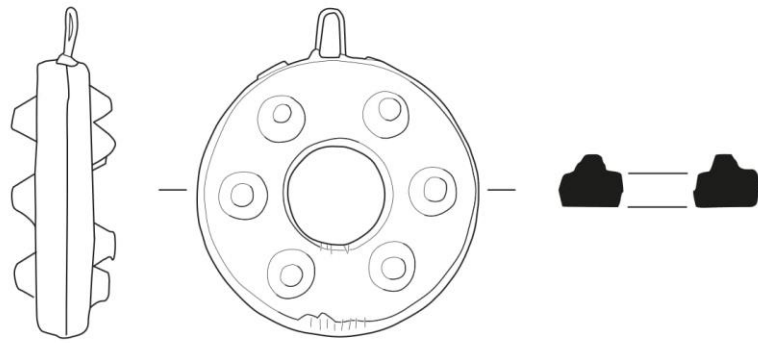
0 5 cm

MVC - 05480 - MM



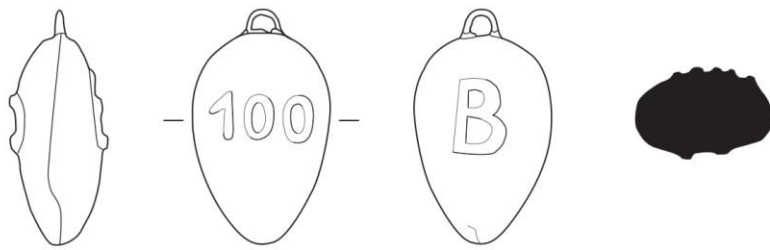
0 5 cm

MVC - 05483 - MM



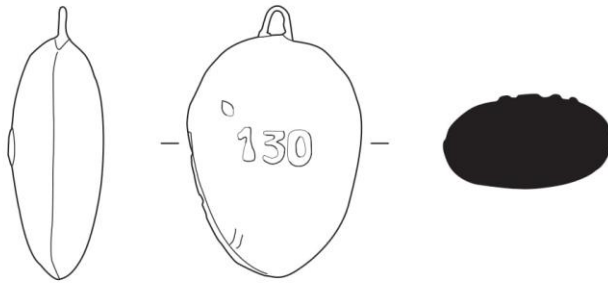
0 5 cm

MVC - 05493 - MM



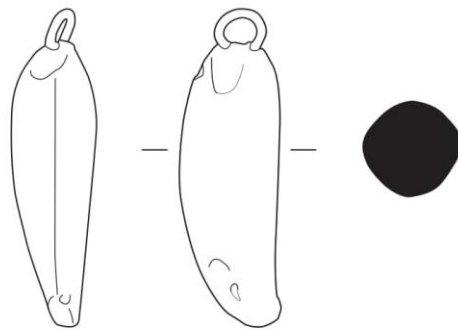
0 5 cm

MVC - 05532 - MM



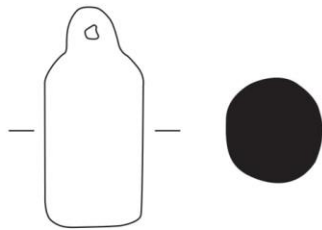
0 5 cm

MVC - 05533 - MM



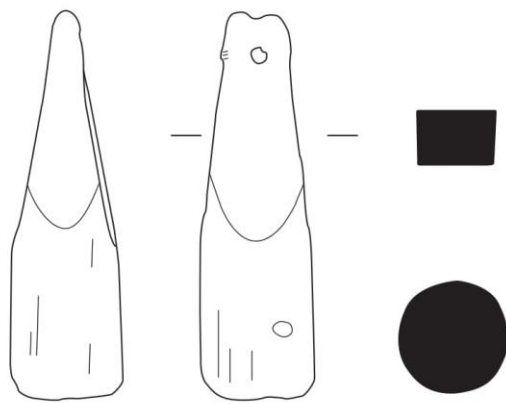
0 5 cm

MVC-05599-MM



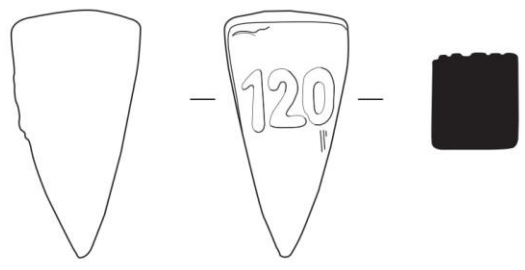
0 5 cm

MVC - 05656 - MM

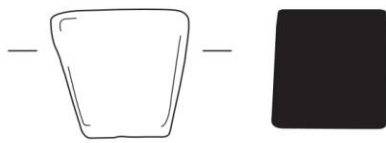


0 5 cm

MVC - 05665 - MM

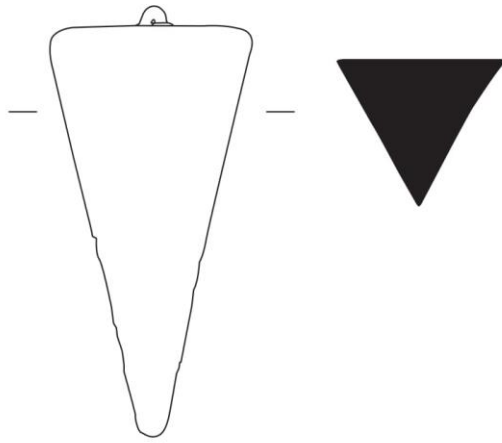


MVC - 05712 - MM



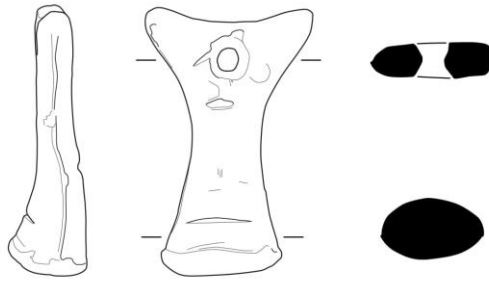
0 5 cm

MVC - 05715 - MM



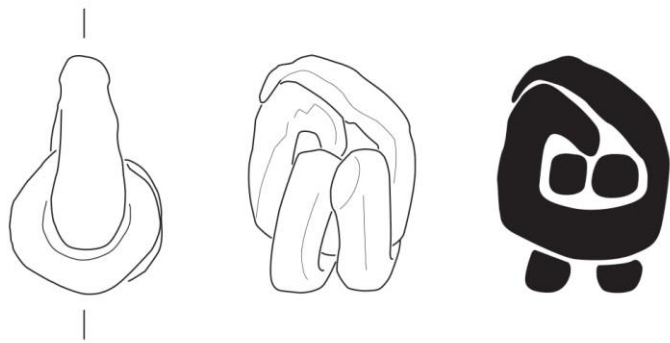
0 5 cm

MVC - 05720 - MM



0 5 cm

MVC-05791-MM

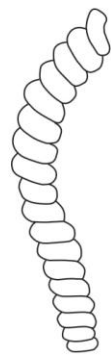


0 5 cm

MVC - 05835 - MM

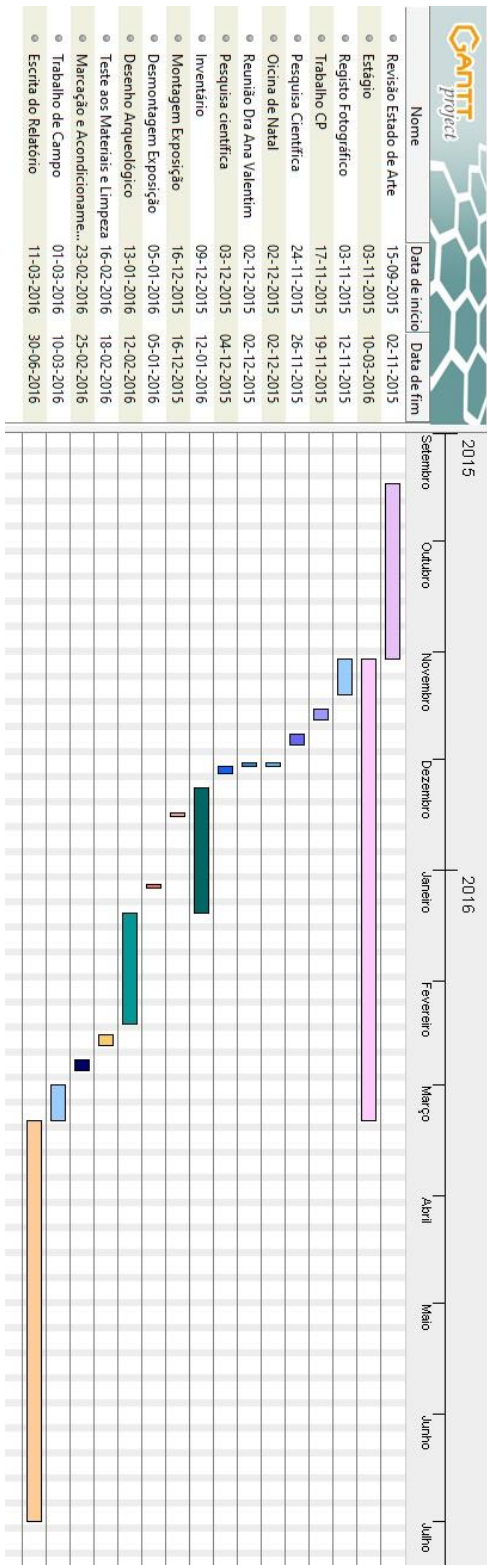


MVC - 05837 - MM



MVC - 05838 - MM

Apêndice E



Anexos

Anexo 2

papel de convidado-surpresa. Situação que se mostrou curiosa já que o Ministro, desconhecendo o seu opositor para a segunda-parte, aligeirou responsabilidades do Governo pela sentida falta de habitação social e culpou as autarquias por tal facto.

O Eng.º Mário Almeida, dizendo-se surpreso e chocado com as desculpas demagógicas do Ministro lembrou-lhe mesmo o reconhecimento público feito

nhou em obter apoios da CEE para a construção de habitação social, o que podia ser conseguido através do Fundo Social Europeu com o programa específico que beneficiasse os insolventes, as minorias imigrantes e os jovens de menores recursos;

— durante a presidência portuguesa das Comunidades, ao contrário do que sucedeu anteriormente com a holandesa e agora com a inglesa, não houve

Tratou-se, sem dúvida, dum debate importante, embora o tempo tivesse sido reduzido e não tivesse sido possível apontar todas as possíveis soluções para a vergonhosa chaga social que se traduz na falta de habitação condigna para todos os portugueses. E do qual o Eng.º Mário Almeida saiu reforçado face à forma conhecida como abordou tal temática.

Sinto nas veias o pulsar das altas ondas do mar

— confessa com orgulho de caxineiro, o Sr. António Ferreira Vila Cova

António Ferreira Vila Cova, casado, 75 anos de idade. Filho de Manuel dos Santos Vila Cova — O Patrão "Caramelho" — herói de inúmeros salvamentos, autêntico "lobo" do mar cuja audácia evitou durante décadas a viúvas de muitas mulheres.

JVC — Sabemos que o Sr. António Ferreira Vila Cova sente grande paixão pelas gentes e coisas das Caxinas. Porquê?

Sr. António F. Vila Cova — Como todos os caxineiros sinto nas veias o pulsar das altas ondas do mar.

JVC — O Sr. António Vila Cova já faz parte da história das Caxinas. Quais os caminhos por si trilhados?

A. Vila Cova — Sem falsa modéstia, seria necessário o jornal inteiro para narrar toda a minha vida mas vou ser o mais sucinto possível. Após o curso liceal fui funcionário da Câmara Municipal como escrivão de execuções fiscais, donde transitei depois para as Finanças.

A partir de 1943 fui colocado em Santo Tirso onde cheguei a chefe de secção.

Em busca de mais e melhor abandonei a Função Pública e exerci outras actividades. Fui guarda livros de uma empresa têxtil e fundei uma sociedade no mesmo ramo. Em 1950 abri uma Agência de Contribuintes. Durante a minha estadia em Santo Tirso fui doze anos presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários Tirsenses.

E a partir da década de sessenta que me dedico de alma e coração a esta terra que me viu nascer. A construção civil é o meu objectivo; começo a construir casas que vendo aos pescadores mais necessitados com grandes facilidades no pagamento. Durante esse tempo, entre outras colaborei



O Sr. António Ferreira Vila Cova

com a Igreja e apoiou as obras na construção para o Salão Paroquial. O povo caxineiro reconhece o meu trabalho e em 1986 é perpetuado o meu nome numa das principais artérias das Caxinas.

Nesse mesmo ano é criada por mim a Praia de Banhos nas Caxinas e construído um café restaurante, que lhe serve de apoio, e para as crianças é feito um espaço Parque Infantil. Colaborei sempre parcial e totalmente no desporto. Em 1971 o Governo Português reconhece todo o meu empenho e condecora-me com a Medalha de Prata de Filantropia e Caridade. Nesse mesmo ano publico o primeiro livro de cariz político "Protecção ou Perseguição".

Em 1982 construí e ofereci o prédio para Centro de Dia para a Terceira Idade tendo o meu nome como Patrono, que serve 70 utentes com almoços diários pagando cada a módica quantia de 50\$000 por mês e apoio ainda uma creche e Jardim de Infância com mais de 50 crianças graças aos apoios da Segurança Social e da Câmara Municipal.

VILA DO CONDE LESADA EM MAIS DE 314 MIL CONTOS

(Continuação da primeira página)

preferir ficar com esses dinheiros, que não são seus, para auto-estradas e obras megalólicas como o Centro Cultural de Belém.

Comentários, para quê? É que este o Governo que se diz

defensor da descentralização. Acreditamos, isso sim, que quer libertar-se de responsabilidades que lhe são desagradáveis, mas ficando com os meios financeiros correspondentes.

Assim não, Prof. Cavaco Silva.

Tudo isto se deve à grande dedicação e empenho do nosso Presidente da Câmara Eng.º Mário Almeida e que graças também a ele Vila do Conde deixou de ser a "Bela Adormecida" para ser a Beleza Apetecida.

Universitários pelas 21,30
Os amigos pelo Cine-C
dia 8, um
A Vida Pa
ciclo "cinis
O'Connor
E no C
turbantes!
Entrar
Câmara M
Meu Prin
veita sabe
Prese
Paulo Ri
anos 80
Municipa
Nascime
E na
café tes
terna é t

PROT

em prepar
de salvag
arqueológ
guesias,
objecto c
tendo-se
ção de u
coluna g
antigo M
encontrat
Rua D. Nu
Numa i
decorrer e
cidade, m
da Roda,
acompan
seu tempo
ções opo
tos surgir
urbana il
pre-medi
E Bag
A Civ
mento na
plexo ar
Castelo M
fonso e a
leiros, é
important
mais impo
sular.

Escava

- Acaba Varzi cump desen
- Em Ar estrati indefi na pas
- No prt acerca e Fretas
- E grev primei se unes Govern
- Novo "t Mário t concos Abri. C
- Finalme receber auxilio t vez, os
- Um Cu a colab do Cor prático produi assinala